

REVISTA EBD | ANO 3 | No.7 | 2025

JUNHO A AGOSTO

An illustration featuring four hands, colored in a vibrant pink with dark blue outlines, arranged in a circle to hold a central yellow oval. The background is a solid dark blue, decorated with a pattern of lighter blue, teardrop-shaped spots. The text within the oval is written in a bold, sans-serif font, alternating between pink and dark blue colors.

**VIVENDO
A GRAÇA
DE DEUS
EM FAMÍLIA**

ESCOLA BÍBLICA
DOMINICAL DA
IGREJA BATISTA
DA GLÓRIA



IGREJA BATISTA
DA GLÓRIA

IGREJA BATISTA DA GLÓRIA
Rua Santa Cruz, 61, Glória
29122-310 - Vila Velha - ES
www.ibgloria.com | ibgloria@ibgloria.com

REVISTA EBD | ANO 3 | Nº 7 | 2025

JUNHO A AGOSTO

COORDENAÇÃO

Bruno Faé
Joel Félix
Márcia Oliveira

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Helber Lopes
Moacyr Baldi

REDAÇÃO

Bruno Faé

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista EBD. - v. 3, n. 7 (2025-). - Vila Velha, ES : Igreja
Batista da Glória, 2025-

Publicação trimestral, 2023; semestral, 2024-
ISSN: 2966-4764

1. Educação cristã - periódicos. 2. Escola bíblica dominical -
periódicos. I. Título. II. Igreja Batista da Glória.

CDD: 205

Bibliotecário/a: Hermelinda Peixoto Pereira Martins CRB6-ES n.º 522

Esta obra está licenciada com uma Licença Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Brasil.



EDITORIAL

As revistas da Escola Bíblica Dominial produzidas na Igreja Batista da Glória surgiram a partir do desejo de ter um material voltado para as necessidades da igreja. Por isso, as lições são elaboradas pelos próprios professores, membros da igreja.

O formato das lições foi pensado de maneira que haja um equilíbrio entre os diferentes aspectos do processo de ensino-aprendizagem, contemplando explicações, aplicações e perguntas para reflexão pessoal e para compartilhamento.

O currículo padrão é pensado de forma a privilegiar o texto Bíblico em si, equilibrando o Antigo e o Novo Testamento, relacionando a Antiga e a Nova Aliança e mostrando como toda a Escritura apresenta um plano de Deus para a criação e a redenção da humanidade, em Cristo.

De forma excepcional, como ocorre nesta revista, as lições possuem um formato temático, buscando identificar o que a Bíblia tem a dizer sobre determinado assunto.

Nosso desejo é que essas revistas sejam bênção para o povo de Deus na Igreja Batista da Glória e onde mais forem utilizadas para edificação de pessoas e salvação de vidas.

Pr. Bruno Faé

SUMÁRIO

	PÁG.
A FAMÍLIA E A IGREJA	5
A IMPORTÂNCIA E OS PROPÓSITOS DA FAMÍLIA	9
A PRESENÇA DE DEUS NA FAMÍLIA	13
CARACTERÍSTICAS INTERPESSOAIS IMPORTANTES NA FAMÍLIA	17
CARACTERÍSTICAS DA BOA COMUNICAÇÃO EM FAMÍLIA	21
PAPEIS E RESPONSABILIDADES NA FAMÍLIA (PARTE 1)	25
PAPEIS E RESPONSABILIDADES NA FAMÍLIA (PARTE 2)	29
GERENCIAMENTO DO TEMPO EM FAMÍLIA	33
A FAMÍLIA E AS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA	37
LIDANDO COM AS DIFERENÇAS NA FAMÍLIA	41
ELIMINANDO CAUSAS DE CONFLITOS NA FAMÍLIA	45
RESOLVENDO CONFLITOS NA FAMÍLIA	49
PERDÃO E RECONCILIAÇÃO NA FAMÍLIA	53



**VIVENDO
A GRAÇA
DE DEUS
EM FAMÍLIA**

1. APRESENTAÇÃO

A família tem um papel central na criação de Deus. Na Bíblia, a humanidade começou com uma família, formada pelo primeiro casal, Adão e Eva. A preservação da humanidade em meio ao dilúvio se deu por uma família, de Noé. O povo de Israel, do qual nasceria o Messias, começou com as famílias de Abraão, de Isaque e de Jacó. O Senhor Jesus veio ao mundo por meio de uma família. Isso mostra como Deus trabalha na humanidade por meio de famílias. Além disso, não é errado afirmar que “Deus é família”, pois Ele mesmo se revela para nós nas pessoas do “Pai” e do “Filho” (**Hb 1.5**).

Entretanto, é curioso notar como a Bíblia não apresenta um manual de como a família deve funcionar. Embora existam textos espalhados pela Escritura Sagrada falando das relações entre cônjuges, entre pais e filhos e entre irmãos, num primeiro olhar, eles parecem insuficientes para abranger a complexidade das relações familiares, suas necessidades e conflitos. Alguém, então, pode pensar que a Bíblia fala muito mais sobre a igreja do que sobre a família.

Mas essa percepção de que a Bíblia fala muito sobre igreja e pouco sobre família é errônea. E isso por um motivo simples. Quando a Bíblia fala de igreja, ela também está falando sobre família. E quando a Bíblia fala sobre família, ela também está falando sobre igreja.

Na Bíblia, a igreja é descrita como uma família. Observe que nós, os crentes, somos “membros da família de Deus” (**Ef 2.9**). Somos todos filhos espirituais do mesmo Pai (**Rm 8.14-16; Ef 1.5**). Ou seja, nós somos irmãos espirituais uns dos outros (**Mt 23.8**).

Não somente isso. Sabemos que, normalmente, uma família vive em uma casa. Pois é justamente assim que a Bíblia descreve a igreja. A igreja, não o lugar, mas a comunidade de fé, é comparada a uma habitação para Deus (**Ef 2.22; 1Tm 3.15; Hb 3.6; 1Pe 2.4-5**).

Mas a Bíblia também descreve a igreja no contexto de um casamento. Somos também a noiva de Cristo (**2Co 11.2; Ap 19.7; 21.2**). Ou seja, a igreja tem um compromisso de fidelidade para com Cristo e de reconhecimento de Sua autoridade. Por outro lado, Cristo tem o compromisso de cuidar da igreja, de protegê-la e de amá-la, até mesmo de forma sacrificial.

Portanto, a descrição que a Bíblia faz da igreja como “irmãos”, “casa” e “noiva” mostra que há uma semelhança muito profunda entre a família e a igreja, de forma que os princípios apresentados na Escritura para uma se aplicam para a outra. Ou seja, aquilo que a Palavra ensina acerca da igreja, podemos tentar aplicar para nossa família, e vice-versa. Não é à toa que uma das qualificações necessárias para alguém ser pastor é saber cuidar bem da própria família, pois, se alguém não sabe liderar a sua própria casa, também não saberá cuidar da família de Deus (**1Tm 3.5**).

Assim, podemos concluir que nossa igreja deve buscar aplicar os princípios válidos para uma família e que nossa família deve buscar aplicar os princípios válidos para uma igreja. Evidentemente, nem tudo se aplica literalmente. Por exemplo, nenhuma família deve celebrar a Ceia do Senhor, realizar batismos e recolher ofertas. Mas as semelhanças são muitas. Tanto família quanto igreja têm propósitos definidos e razões para existirem, têm autoridade e liderança, têm compromisso de cuidado mútuo entre seus membros, são um ambiente de formação e de aprendizado, têm uso comum de bens, têm

dispensação de dons e de talentos, têm um ambiente para relacionamento de amor e de afeto e sofrem ataques e ameaças. É sobre tudo isso, e muito mais, que trataremos nesta revista.

Também concluímos que devemos cuidar tanto da igreja (família da fé) quanto da família de casa. Negligenciar qualquer uma das duas é falta de amor para com seus integrantes e falta de temor para com Deus. Se alguém deixar de cuidar dos filhos, do cônjuge, dos irmãos ou pais idosos, ou abandoná-los, será considerado alguém sem honra e amor. Se alguém deixar de cuidar dos irmãos da igreja, de contribuir com seus bens e de servir na família da fé, será considerado alguém negligente ou imaturo.

Então, **deve haver um equilíbrio entre nosso cuidado para com a igreja e para com nossa família.** Não se pode sacrificar um pelo outro. Observe se você não está se dedicando demais à sua igreja a ponto de esquecer da sua família. E observe se você não está se envolvendo demais com as coisas de sua família a ponto de negligenciar sua igreja. Quem despreza sua família não conseguirá ter autoridade para cuidar da igreja. Quem despreza sua igreja terá dificuldade de testemunhar da sua fé para sua família.

Além disso, lembremos que **igreja e família se fortalecem mutuamente.** Famílias fortes promovem uma igreja saudável e uma igreja saudável fortalece as famílias que estão com dificuldades. Portanto, é ilusório achar que podemos cuidar apenas da igreja ou apenas da família. Quem faz isso se esquece de que as bênçãos de uma recaem sobre a outra. Tudo isso nos leva à conclusão de que as igrejas não podem ser apenas prestadoras de serviços espirituais, uma espécie de *self-service* da fé, ou um clube, onde as pessoas vão desfrutar e consumir, para depois voltarem para sua casa da mesma forma que chegaram. A igreja, assim como o lar, é lugar de serviço, de dedicação e de demonstração de amor.

É muito interessante como Neemias associa o trabalho de reconstrução dos muros de Jerusalém (obra de Deus) à luta pelas famílias (**Ne 4.13-17**). O muro só poderia ser construído pela união das famílias e, por outro lado, as próprias famílias seriam fortalecidas e protegidas pela construção do muro. Essa é uma boa ilustração da relação entre igreja e famílias.

Outra implicação da correspondência entre **igreja e família é que ambas, mesmo sendo um projeto de Deus, têm problemas**, pois são formadas por seres humanos imperfeitos. Isso significa que, assim como nós não desistimos da nossa família só porque os conflitos ocorrem, assim também não devemos fazer com nossa igreja. É ilusão achar que, ao abandonar nossa família ou nossa igreja, encontraremos uma outra que seja perfeita. Os problemas e conflitos existem, e são permitidos por Deus, e devem ser encarados como oportunidades para o crescimento e para o exercício do fruto do Espírito. Por isso, se tornar “desigrejado” por ter se deparado com um problema na comunidade de fé é tão estranho quanto se tornar “desfamiliarado” por enfrentar problemas na família.

Por fim, notemos uma última semelhança entre família e igreja. **Ambas foram feitas para crescer e multiplicar.** É no ambiente da família, no âmbito casamento, que Deus planejou a chegada de novos seres humanos ao mundo. Da mesma maneira, é por meio da igreja, a família da fé, que Deus deseja que novos discípulos sejam formados, que novos filhos sejam acrescentados. Por isso, a igreja nunca deve perder de vista sua missão de alcançar os perdidos, atraindo-os com seu testemunho e indo até eles com manifestações de graça. Em todas essas oportunidades, deve ser pregada a Palavra que salva e que transforma.

A partir do tema de nossa igreja para ano “Uma igreja que vive a graça sem limites”, podemos pensar em nossas famílias. **Famílias que vivem a graça de Deus sem limites são as que reconhecem que são dependentes do Senhor e, assim, experimentam Seu cuidado.** A graça é o favor de Deus que

nós precisamos, mas não merecemos. Nossas famílias, assim como nossa igreja, não são autossuficientes. Os recursos espirituais de que precisamos para sermos famílias saudáveis, para edificar uns aos outros e para resolver nossos conflitos não estão em nós mesmos; precisam vir de Deus. Entretanto, por mais que nos esforcemos, jamais seremos merecedores dessas bênçãos. É essa atitude de dependência e de humildade que pode nos levar à graça sem limites.

Uma igreja que confia fundamentalmente em suas estratégias, seus talentos, seus bens e sua capacidade humana produzirá, no máximo, apenas resultados temporários ou aparentes, mas não alcançará a transformação espiritual profunda que só o Espírito Santo pode realizar e que, de fato, resultam em vida abundante e na glória de Deus. Da mesma maneira, uma família com muitos bens e talentos pode ter uma boa aparência e gozar de bênçãos temporárias, mas não experimentarão a graça sem limites que gera frutos para a eternidade.

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Liste 3 necessidades que você identifica em sua família atualmente. Se necessário, pergunte a opinião de alguns membros da sua família.

Como você avalia sua dedicação à família e à igreja nesse momento? É necessário fazer algum ajuste?

Escreva abaixo como está seu coração com relação à sua família: esperançoso, desanimado, satisfeito, triste etc. Depois, faça uma oração abrindo o coração para o Senhor sobre aquilo que Ele pode fazer em seu lar através desses estudos.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Efésios 2.14-22

Ter: 1 Timóteo 3.1-15

Qua: Marcos 3.33-35

Qui: Hebreus 3.1-6

Sex: Mateus 12.49-50

Sáb: Gálatas 6.1-10

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Cite exemplos de como igreja e família são semelhantes (os que você identificou na lição e outros que você identifica na Bíblia).
- De que maneira famílias saudáveis podem construir uma igreja saudável e vice-versa?
- Quais os maiores desafios e dificuldades que as famílias enfrentam atualmente para edificar um lar saudável?
- Qual relação você vê entre o tema da igreja em 2025 e o fato de Deus ter usado famílias imperfeitas na Bíblia?

1. APRESENTAÇÃO

Depois de compreendermos, na lição anterior, que família e igreja têm muitas características e princípios em comum, nesta lição vamos aprofundar um pouco mais nos propósitos específicos da família e refletir sobre qual é a importância dessa instituição única, criada por Deus.

Primeiro, podemos começar pela definição de família. Embora a Bíblia não forneça uma definição geral, podemos compreender que a família é um grupo de pessoas unidas por laços afetivos, biológicos, ancestrais e/ou legais e que normalmente vivem juntas no mesmo lar.

Está claro na Escritura que o casamento, conforme planejado por Deus, é a união entre um homem e uma mulher (**Gn 2.24**) e que seus filhos biológicos são acrescentados por Deus à família (**Sl 127.3**). Entretanto, uma definição de família precisa contemplar as diferentes configurações que esse núcleo pode ter, incluindo casais sem filhos, pais solo, pais com filhos adotivos, irmãos que vivem juntos sem os pais e demais tipos de famílias que contam com a presença de tios, primos, genros, noras, sogras, avós e outros parentes que vivem juntos no mesmo lar. Todas essas configurações são família, e podem se formar por motivos de conveniência, necessidade ou por eventos inesperados ou até mesmo indesejados da vida. Evidentemente, diferentes composições familiares podem tornar mais ou menos complexos o funcionamento e a convivência da família.

Tendo em mente esse entendimento mais amplo do que é a família, podemos pensar em dois dos principais propósitos práticos para os quais a família existe. Compreender isso nos ajuda a avaliar se nossa família tem funcionado segundo os objetivos para ela traçados por Deus.

O primeiro propósito estabelecido por Deus para a família é ser uma comunidade de ajuda mútua e de cuidado recíproco. Depois que o Senhor criou Adão, sua declaração de que “Não é bom que o homem esteja só” (**Gn 2.18**) mostra que o ser humano precisa de outros semelhantes para desenvolver plenamente suas potencialidades e para receber auxílio em suas necessidades. Tanto é assim que a resposta de Deus para essa realidade foi criar “uma auxiliadora” (**Gn 2.20**). Ou seja, agora, o casal cuidaria junto da criação de Deus e cuidaria um do outro. Algumas passagens bíblicas também chamam a atenção para essa realidade. Segundo o Senhor Jesus, é esperado que os pais deem boas coisas aos filhos (**Mt 7.11**), suprimindo suas necessidades. A mulher virtuosa se preocupa com o funcionamento da sua casa (**Pv 31.27**). Os filhos adultos devem cuidar de seus pais idosos (**1Tm 5.4**). Além disso, se espera que os irmãos se ajudem mutuamente na necessidade, assim como fazem os verdadeiros amigos (**Pv 27.8-10**).

Viver é um desafio. Por isso, a vida em família pode ser um grande alívio, visto que os membros podem dividir as tarefas e responsabilidades. É menos desafiador quando o casal cuida e educa os filhos em conjunto. Mas é bem mais desgastante quando apenas a mãe precisa se empenhar nos cuidados do filho pequeno ou quando apenas o pai precisa lidar com os conflitos naturais da fase da adolescência dos filhos. É menos cansativo quando todos na casa dividem as tarefas de limpeza e de organização. Mas é muito mais extenuante quando recai sobre poucos as tarefas de preparar o alimento, de lavar a louça ou as roupas, de limpar o chão etc.

Em uma família saudável, um membro que esteja passando por um momento difícil na vida, tal como uma enfermidade, uma pressão intensa no trabalho ou humilhações na escola, pode receber suporte, proteção e apoio dos demais familiares. A família foi criada para ser esse ambiente de suporte emocional, material e espiritual, para todos, mas principalmente para os que mais precisam, devido às circunstâncias, até que supere sua condição de fragilidade. Para isso, os membros da família precisam ter consciência de que todos devem contribuir com o bem-estar de todos, cada um dentro das suas possibilidades. Ninguém está na família apenas para ser servido, mas todos estão para servir uns aos outros.

Na Bíblia, vemos exemplos positivos e negativos dessa realidade. Quando Rute percebeu que sua sogra Noemi havia se tornado uma viúva desamparada, renunciou até mesmo à possibilidade de casar-se novamente para fazer-lhe companhia até o fim da vida (**Rt 1.16-17**). Por outro lado, a esposa de Jó, no momento de grande aflição do marido, quando ele havia perdido seus filhos e seus bens, não teve uma palavra de apoio para oferecer; apenas rancor e negatividade (**Jó 2.9**).

Um outro propósito de Deus para a família é ensinar para a vida. Nas relações e questões sociais e nas atividades acadêmicas e profissionais, é necessário um conjunto de competências, habilidades e princípios éticos para que o indivíduo possa exercer seu papel na sociedade e na convivência interpessoal. Exercer seus deveres, conhecer seus direitos, saber partilhar, cuidar do bem comum, respeitar as diferenças, conseguir dialogar e auxiliar os necessitados são valores e comportamentos que devem ser aprendidos primeiramente dentro da família, para depois serem reproduzidos na sociedade.

Quando o povo de Israel foi formado, não havia escolas para as crianças, como existem hoje. Somente muitos anos depois foram criadas sinagogas, onde somente os meninos podiam frequentar. Mas, no início, toda educação para a vida era recebida dentro de casa, por meio de recursos didáticos como lições, diálogos e elementos visuais (**Dt 6.6-9**). A expressão “Estas palavras”, à qual o texto citado se refere, incluía diversas leis civis e valores presentes na Lei de Moisés, em temas como violência e respeito ao próximo, honestidade e corrupção, vingança e justiça etc.

Nesse sentido, uma família em que não há um ambiente de aprendizado, seja por desinteresse em ensinar ou por orgulho que impede de aprender, não cumpre o propósito para a qual foi criada. Delegar a formação básica do indivíduo para a escola é negligência. Delegar para a igreja é comodismo. Deixar para a influência de colegas ou para *influencers* na Internet é covardia. Se isso ocorrer, membros da família poderão sair para a vida despreparados, sofrendo e/ou causando sofrimento nos outros e deixando de exercer todas as potencialidades que possuem. Talentos são desperdiçados e oportunidades são perdidas.

Um terceiro propósito que podemos identificar para a família é tratar nossas falhas e imperfeições. A família é o lugar onde é mais difícil esconder quem realmente nós somos. As pessoas normalmente conseguem fingir serem diferentes no trabalho, na escola e até na igreja. Fora de casa, não é tão difícil representar uma personagem, que esconde os defeitos e problemas de caráter. Mas, em casa, as máscaras caem. Com a convivência no lar, a tendência é que os defeitos de cada um causem conflitos. Portanto, podemos dizer que a família não gera problemas, mas os problemas na família apenas expõem problemas que já existem em nós, e que precisam ser tratados por Deus. E esse tratamento ocorre nos próprios relacionamentos familiares.

Observe que o conflito entre os irmãos Jacó e Esaú não foi motivado simplesmente por um ensopado de lentilhas. Havia por trás um desprezo de Esaú pela primogenitura e uma ambição de Jacó pelas bênçãos de Isaque, a ponto de mentir e enganar o próprio pai. Essa briga gerou um rompimento tão

profundo na família a ponto de Esaú ameaçar Jacó de morte. Após muitos anos passados, em que provavelmente ambos refletiram sobre seus erros e amadureceram, os irmãos se reencontram. Naquele dia, Esaú beijou Jacó, mostrando que aprendera a controlar o temperamento, e Jacó ofereceu dividir parte de sua bênção com Esaú, mostrando que aprendeu que os bens não podem estar acima das pessoas (**Gn 33.1-11**).

A família é um ambiente poderoso porque é onde estamos mais expostos e onde precisamos nos render diante da verdade. A família é o método de Deus para nos tratar e nos curar. A família nos liberta do nosso egoísmo, agressividade, falsidade, insensibilidade e tudo mais que destoa do caráter de Deus e nos impele a nos tornarmos pessoas melhores. Por causa do orgulho, muitas pessoas não percebem que elas mesmas são parte dos problemas e que poderiam aproveitar os conflitos existentes na família para mudar e se tornarem melhores. Preferem constantemente reafirmar que estão certas e colocar a culpa nos outros. Essas pessoas não compreenderam um dos principais objetivos da família, que é nos transformar para sermos mais semelhantes da Jesus.

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Liste os nomes dos membros da sua família e a principal necessidade de cuidado que cada um tem nesse momento. Eles estão recebendo esse cuidado de maneira satisfatória?

Sua família tem sido um ambiente de aprendizado e de crescimento? Se não, reflita sobre os motivos disso e sobre quais mudanças poderiam ser feitas para promover esse ambiente.

Quais de suas falhas são notadas por sua família? De que maneira isso permite que o Senhor trabalhe em sua vida para tratar tais imperfeições?



**Textos relacionados
para leitura semanal**

Seg: Salmos 127.1-5

Ter: Gênesis 2.18-25

Qua: Deuteronômio 6.1-9

Qui: Provérbios 31.10-31

Sex: Salmos 128.1-6

Sáb: Salmos 133.1-3

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- De que maneira uma família unida e cuidadora pode ajudar seus membros a enfrentarem os desafios e as lutas da vida? Você tem exemplos positivos disso?
- Cite alguns dos principais princípios e valores que você aprendeu (ou ainda aprende) em sua família. De que forma eles auxiliam e orientam você na vida em sociedade?
- Além dos propósitos citados na lição, você identifica na Bíblia outros propósitos para a família?

1. APRESENTAÇÃO

Na lição anterior, estudamos alguns propósitos de Deus para a família. Nesta lição, vamos aprender sobre o propósito principal de Deus para a família e que é o fundamento para os demais: **a família foi feita para glorificar a Deus e levar seus membros a conhecê-Lo cada vez mais**. Para isso, Deus deve estar presente na família em todo o tempo e os membros da família devem desejar e buscar a presença de Deus, individualmente e coletivamente.

Quando Deus entregou suas promessas redentoras a Abraão, havia uma ênfase especial no sentido de que todas as famílias da terra fossem abençoadas por Sua presença (**Gn 12.3**). São muitos os textos bíblicos que falam sobre a importância do Senhor no contexto da família.

Na paternidade, os pais cuidam do discipulado de seus filhos. Observe que Deus ordenou que os pais levassem os filhos a conhecer o Senhor (**Sl 78.5-6**). Segundo a Bíblia, por meio da família, uma geração contará à outra geração as obras do Senhor e anunciará os Seus feitos poderosos (**Sl 145.4**). Aliás, a santidade dos filhos por meio dos pais também é tratada no Novo Testamento. Os filhos podem ser santificados pelo convívio com os pais crentes (**1Co 7.14-15**). Os filhos são herança do Senhor (**Sl 127.3-5**). Isto é, de fato, eles não pertencem aos pais. Os pais receberam de Deus o privilégio e a oportunidade, que também é uma grande responsabilidade, de devolver e consagrar esses filhos ao Senhor, ensinando-os sobre quem é o seu Criador e qual é a vontade dEle para suas vidas.

O discipulado dos filhos certamente passa pelo ensino. Além de poder estabelecer momentos específicos para ensinar-lhes a Palavra de Deus, os pais podem aproveitar uma série de oportunidades para lhes passar princípios que apontam para a vontade do Senhor. Os próprios conflitos que os filhos passam na adolescência ou até mesmo algo de errado que tenham feito, tenham visto na Internet ou coisas com as quais tenham tido contato na escola, podem ser oportunidades para aprendizado, se conduzidos de forma adequada pelos pais.

Mas, certamente, os pais devem buscar sabedoria e ter temor a Deus nesse ministério. Em primeiro lugar, porque precisam também dar exemplo com suas vidas. As crianças, os adolescentes e os jovens são especialistas em detectar hipocrisia. Se os pais não praticarem aquilo que desejam ensinar, suas lições terão pouco efeito, ou até mesmo o efeito contrário. O Evangelho poderá ser visto por eles como algo falso ou inútil.

Sabemos que não há garantia de que filhos ensinados corretamente no caminho do Senhor por pais exemplares irão permanecer na fé. Afinal, Deus deu-lhes a capacidade de escolha. Nesse caso, apesar de os pais sofrerem por não verem os filhos na presença de Deus, poderão ter a consciência tranquila de que fizeram sua parte. Além disso, os ensinamentos que foram transmitidos estarão sempre na memória dos filhos e tocarão seus corações na trajetória de suas vidas.

No casamento, marido e esposa são instrumentos de edificação espiritual um na vida do outro. No mesmo texto que lemos há pouco, a Bíblia afirma que o marido não crente é santificado no convívio da esposa, e a esposa não crente é santificada no convívio com o marido crente (**1Co 7.14-15**). Isto é, a comunhão com Deus de um cônjuge produz uma influência positiva que pode levar o outro a se

aproximar do Senhor e refrear, pelo menos em parte, a influência mundana. Quando a Bíblia diz que o marido deve amar a esposa como Cristo amou a igreja, ressalta que o resultado final desse amor é a purificação do outro (**Ef 5.25-26**).

Por isso, a importância de marido e esposa agirem um para com o outro com graça, dedicação, bondade e misericórdia. Além disso, marido e esposa precisam ter vida espiritual em conjunto, na oração, na meditação na Palavra e na luta contra o pecado. Os cônjuges não são uma só carne apenas em relação ao sexo. Devem ser também uma só pessoa na busca da presença de Deus.

A família deve ter momentos de adoração e aprendizado em conjunto. A família precisa buscar a vontade de Deus, pois, se o Senhor não edificar a família, em vão trabalham os que a edificam (**Sl 127.1-2**). Será inútil se esforçar no trabalho, ganhar um bom salário, adquirir bens, decorar o ambiente etc. É claro que todas essas coisas são boas para o bem-estar da família. Entretanto, muitas pessoas, ao mesmo tempo em que possuem uma bela casa, têm um lar espiritualmente em ruínas.

Por isso, é importante que a família reconheça essa necessidade de Deus e busque o Senhor em conjunto. Observe que Jó convocava seus filhos para adorar a Deus e suplicar por Sua misericórdia, naquele contexto, por meio de sacrifícios (**Jó 1.5**). Nesse sentido, é essencial que toda família cristã tenha seu momento de edificação espiritual em conjunto, não importa o nome, seja “culto doméstico”, “tempo devocional”, “momento de oração” etc.

A família cristã evita o pecado e busca a santidade. A receita infalível para uma família não ter a presença de Deus no seu lar é conviver normalmente com o pecado. Uma família que se habituou com o pecado e que não se incomoda mais com a carnalidade não conseguirá experimentar a presença do Senhor (**Hc 1.13**). A família cristã deve se santificar e se afastar de tudo que remeta à promiscuidade sexual, à idolatria, às brigas, à embriaguez e a todas as demais obras da carne. E é fundamental que a família tente evitar a influência negativa do mundo dentro do lar, seja daquilo que vem pela cultura ou pela influência de outras pessoas.

Evidentemente, não se trata de se isolar do mundo, como os monges tentam fazer nos mosteiros, nem de tentar “ver o diabo em tudo”. Um ambiente de puritanismo ou legalismo não contribui para a santidade, pois acaba se tornando um ambiente de constante vigilância e até de perseguição. O crente precisa aprender a viver nesse mundo sabendo evitar aquilo que lhe contamina. O importante é a família estar constantemente refletindo, com diálogo e oração, e pedindo a Deus sabedoria para compreender se tudo aquilo que está entrando no lar pode ser nocivo para a vida com Deus.

A família cristã serve ao Senhor por meio do serviço ao próximo. É muito interessante quando a família consegue encontrar atividades que todos podem fazer (e gostam de fazer) em conjunto, tais como jogar videogame, cozinhar, andar de bicicleta, ir à praia etc. São momentos especiais de comunhão, criação de memórias afetivas e de fortalecimento de vínculos. Nesse sentido, uma das coisas mais belas que podemos ver é uma família que serve ao Senhor em conjunto também. Josué expressou esse desejo quando declarou para o povo de Israel: “Eu e a minha casa serviremos ao Senhor” (**Js 24.15**). Observe que bênção a família de Filipe. Ele, diácono, tinha ainda quatro filhas que profetizavam (**At 21.9**). Imagine como os frutos produzidos por essa família traziam alegria para o lar.

Um dos lugares onde a família pode servir ao Senhor de maneira mais prática é na própria igreja, por meio dos ministérios, cada um segundo seus dons e talentos, e conforme sua capacidade. A família que possui intimidade e comunhão com Deus naturalmente deseja ver a edificação e a expansão do Seu

Reino. Ao ver o fruto do seu trabalho no Senhor, os membros da família podem experimentar o sentimento de utilidade e de propósito que produz a satisfação prometida por Jesus, quando afirmou que há mais felicidade em dar do que em receber (**At 20.35**). A família que serve ao Senhor não fica voltada apenas para ela mesma, mas compartilha o que tem com os de fora.

Podemos levar Jesus para nossa família e levar nossa família até Jesus. Nem todas as famílias são formadas somente por crentes. Há muitas famílias em que uma parte dos membros, ou até a maioria, não serve a Deus. Ainda assim, a presença de apenas um discípulo de Jesus pode fazer diferença ali. As passagens bíblicas já mencionadas, sobre a influência positiva do salvo na sua família, mostram isso. Quando um dos membros da família conhece Jesus, são maiores as possibilidades de os outros familiares serem influenciados e também entregarem sua vida ao Senhor (**At 16.31**).

Faz parte da nossa missão, como crentes, levar Jesus para nossa família. Veja que o próprio Senhor, ao libertar um homem da opressão demoníaca, ordenou-lhe: “Vá para a sua casa, para os seus parentes, e conte-lhes tudo o que o Senhor fez por você e como teve compaixão de você” (**Mc 5.19**). O testemunho de transformação de vida de um crente pode ter um efeito poderoso para que seus familiares compreendam que Deus é real e também sejam atraídos para a mensagem de esperança do Evangelho.

Refleta se sua família tem buscado a presença de Deus como deveria.

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Com que frequência e qualidade sua família tem realizado os momentos de buscar o Senhor em conjunto (tempo devocional, culto doméstico etc.)? Existem maneiras de melhorar esses momentos de devoção em conjunto?

O que você e sua família poderiam fazer para blindar o lar da influência do mundo e para desenvolver ainda mais a sua santidade?

Como sua família tem servido ao Senhor com seus bens, dons e talentos, na igreja e nos demais ambientes que frequentam?



**Textos relacionados
para leitura semanal**

Seg: Josué 24.1-15

Ter: Salmos 78.1-8

Qua: Salmos 103.13-18

Qui: Provérbios 14.26

Sex: Atos 16.25-40

Sáb: Marcos 5.1-19

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Quais são os possíveis efeitos de tentar edificar um lar sem depender da presença e atuação de Deus?
- Qual é a importância dos momentos devocionais em conjunto e de que forma a família pode se organizar para que isso aconteça?
- De que formas os discípulos de Jesus podem testemunhar para seus familiares não crentes e levá-los a conhecer o Evangelho?
- Que fatores podem prejudicar os pais discipularem os filhos ou prejudicar a edificação mútua de marido e esposa?

1. APRESENTAÇÃO

Quando alguém entra em uma empresa, normalmente faz um treinamento para adquirir as competências necessárias para exercer suas novas funções. Além disso, normalmente passa por capacitações periódicas para reforçar algumas capacidades e adquirir novas habilidades. Quando um esportista, como um jogador de futebol ou uma ginasta, realiza seus treinamentos, está tentando adquirir habilidades e aprimorar técnicas que possam ser utilizadas no momento das competições. Apesar de o desenvolvimento de capacidades e competências ser algo comum em várias áreas da vida, as pessoas, na maioria das vezes, nem param para pensar que isso também é importante para a convivência familiar.

No caso da família, mais do que em qualquer outro lugar, o desenvolvimento constante de características e competências para o relacionamento interpessoal é absolutamente fundamental. Observe que a Bíblia afirma que a mulher “sábia” edifica sua casa, ao invés de derrubá-la (**Pv 14.1**) e que o homem “prudente” edifica sua casa sobre a rocha (**Mt 7.24**), mas que um filho “tolo” é desgraça para seu pai (**Pv 19.13**). No caso da metáfora usada por Jesus, embora Ele tenha se referido a uma pessoa que coloca sua vida nas mãos do Senhor, ainda vale a lição da imagem utilizada: se para escolher o local da fundação de uma casa é preciso prudência, quanto mais para manter uma boa família convivendo dentro dela. Nesta lição, vamos refletir sobre algumas características que todos os integrantes de uma família devem se esforçar para desenvolver e se dedicar em aprimorar.

Autoconhecimento, segurança e humildade. Nenhuma pessoa consegue desenvolver suas características e habilidades se não reconhecer quais ela já possui e em quais ainda precisa melhorar. Para isso, é preciso conseguir identificar os próprios pontos fortes e fraquezas. Há pessoas que não conseguem enxergar bem quem elas mesmas são. Ou seja, são pessoas que não se conhecem. Elas não conseguem olhar para dentro de si. Convivem com si mesmas durante anos, mas sem identificar em quais áreas já possuem capacidades e em quais ainda têm carências. Por isso, a importância de cada pessoa ser honesta consigo mesma sobre suas próprias qualidades e limitações. Não à toa a Bíblia diz ao crente “*examine a si mesmo*” (**1Co 11.28**).

Algumas dessas pessoas podem pender para o lado da insegurança ou da baixa autoestima, achando que sempre são menos capazes ou qualificadas do que realmente são. Isso é um problema, pois deixarão de usar suas qualidades para o bem da família. Mas um problema ainda maior são os membros da família que não têm humildade suficiente para reconhecer suas falhas e limitações. Essas pessoas nunca poderão melhorar. A pessoa mais difícil de aprender alguma coisa é aquela que acha que já sabe tudo ou que é melhor que todo mundo. Normalmente, um dos efeitos da arrogância é a dificuldade em lidar com as críticas. Existem pessoas que não admitem qualquer observação, ainda que mínima, sobre sua forma de agir ou pensar. Para elas, tudo que fazem está sempre certo. Estão sempre na defensiva e reagem até com agressividade se receberem qualquer crítica, ainda que seja construtiva. A Bíblia diz que é melhor alguém pobre, mas sábio, do que um rei que não aceita repreensão (**Pv 4.13**).

A falta de humildade ainda produz um efeito muito ruim nos relacionamentos, que é o excesso de críticas. Há pessoas que, na maior parte do tempo, estão reclamando de tudo e de todos. Para elas, tudo que os outros fazem está errado. A convivência vai ficando muito difícil dessa forma. Os demais nunca se

sentem valorizados e acabam se frustrando, cansados, pois nada do que fazem agrada. A bíblia diz que é melhor morar no deserto do que com uma pessoa briguenta (**Pv 21.19**). Portanto, faça uma autoavaliação para verificar se você se conhece realmente, se consegue admitir seus pontos fracos e se tem humildade suficiente para aprender e melhorar, ou se é alguém que está sempre se colocando acima dos outros.

Bondade, sensibilidade e paciência. Segundo a Bíblia, o amor é aquilo que une todas as virtudes (**Cl 3.14**). O amor é a base para a paciência, a bondade, a generosidade, a empatia, a sensibilidade, a misericórdia e muitas outras características interpessoais valiosas (**1Co 13.4-7**). Não é fácil definir o amor, mas uma definição possível é: amar é tratar as pessoas conforme elas precisam, e não como elas merecem. Por sermos imperfeitos, todos merecemos castigo. Somente por meio do amor é possível uma convivência feliz em uma família na qual todos têm defeitos. Por isso, podemos também tentar definir o amor pela regra de ouro ensinada pelo Senhor Jesus: “*o que vocês gostariam que os outros fizessem por vocês, façam vocês a eles*” (**Mt 7.12**). Por isso, dentro da família, cada um deve sempre meditar sobre como tem sido seu amor pelo próximo.

A falta de amor na família se manifesta de diversas formas, causando conflitos e sofrimento. A primeira característica da falta de amor não é o ódio, mas a frieza e a insensibilidade. Sem amor, os familiares não se importam com os problemas uns dos outros. Os membros da família, ainda que necessitem de afeto ou apoio, são tratados com indiferença, como se não tivessem valor ou se não existissem. É preciso estar alerta para que a família não seja apenas um grupo de pessoas que cumprem diferentes funções ou tarefas, como se fossem somente peças em uma engrenagem. Em uma casa onde há amor, os familiares estão sempre atentos para perceber, apenas no olhar ou no comportamento do outro, que ele precisa de apoio, precisa desabafar ou precisa de um suporte espiritual.

Uma segunda forma pela qual a falta de amor se manifesta é fazer o mal diretamente contra o outro. Entre familiares, o sofrimento pode ser provocado por meio da violência, seja física ou psicológica. Agressões por meio de palavras ou ações, manifestadas em gritaria, xingamentos, empurrões, tapas, socos, chutes e humilhações são alguns exemplos de como a falta de amor pode causar feridas físicas e emocionais e dilacerar as relações familiares.

Segundo a Bíblia, o amor não se irrita, mas é paciente, tudo espera e tudo suporta. Uma das características mais importantes do amor nesse tempo é a paciência. Em uma sociedade que vive de forma acelerada, temos nos tornado cada vez mais imediatistas e irritados. Precisamos enxergar a paciência como um ato de amor. Jesus ensinou que devemos aprender a andar a segunda milha, até com nossos inimigos (**Mt 5.41**). Dentro de casa, as pessoas estão em processo de aprendizado e demoram tempos diferentes para amadurecer. Precisamos aprender a dar novas oportunidades para as pessoas. Reagir de forma explosiva quando um membro da família ainda não age da forma como esperamos não irá contribuir para o relacionamento e para o próprio processo de crescimento do outro.

Fidelidade, confiança e fé. A confiança interpessoal é uma característica essencial em qualquer sociedade. Muito mais, então, no seio familiar. Precisamos ter segurança de que nossos familiares estão sendo verdadeiros para conosco e de que não irão nos trair. Uma família não funciona sem a segurança de que a intimidade das pessoas não será exposta. Para isso, é preciso que todos os integrantes tenham um pacto de fidelidade entre si. Sem isso, os membros da família terão medo de expor seus pensamentos e sentimentos, além de viverem em um constante estado de medo. A Bíblia afirma que ter uma pessoa em

quem podemos confiar é algo raro (**Pv 20.6**). Por isso, ter pessoas de confiança dentro da própria família é uma bênção sem tamanho.

Mas, ainda que não haja motivos para desconfiança, existem pessoas que são naturalmente inseguras, que têm mania de perseguição, que acham que todos estão sempre contra ela, tramando ou escondendo algo. Essa atitude prejudica a família, pois mantém os relacionamentos na superficialidade e perpetua barreiras para a intimidade. Um dos efeitos dessa situação que podem ser citados como exemplo é a dificuldade em partilhar os bens e utilizar recursos financeiros de forma conjunta. A tendência em um ambiente de desconfiança é o “cada um por si”.

Um claro exemplo de desconfiança na família é visto na vida rei Saul, que ficou paranoico ao saber que seu genro, Davi, estava sendo elogiado por ter vencido os filisteus (**1Sm 18.7-9**). Isso fez com que Saul intentasse matar Davi em várias oportunidades.

Por fim, uma atitude importante para o convívio familiar é a fé. Toda família enfrenta desafios e passa por períodos de incerteza. Uma atitude pessimista pode drenar as energias dos demais integrantes. Especialmente aqueles que conhecem o Senhor Jesus devem incentivar os demais a persistir, lembrando do poder do Deus a quem serve, trazendo palavras de esperança e estimulando a fé nos demais. Precisamos ser como Moisés em nossa família e, nos momentos de incerteza, afirmar com fé no Senhor: “Não temam e vejam o livramento do Senhor” (**Êx 14.13-14**).

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Dentre as características citadas na lição, quais você acredita que precisa desenvolver e aplicar melhor sua convivência familiar?

Seu lar é um ambiente de mais confiança ou desconfiança? De que forma sua família poderia melhorar a confiança interpessoal?

Você é alguém que, por vezes, se torna crítico ou impaciente demais com os outros, mas benevolente com seus próprios erros? Quais os efeitos negativos disso?



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Gálatas 5.22-25

Ter: 1 Coríntios 13.1-13

Qua: Lucas 6.28-31

Qui: Provérbios 3.3-4

Sex: Provérbios 16.16

Sáb: Tiago 3.17

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Dentre as características citadas na lição, quais você considera mais importante para as famílias? Por quê?
- Como podemos nos tornar mais sensíveis a ponto de conseguir identificar aquilo que nossos familiares estão sentindo? Qual é a importância disso?
- Cite exemplos de como pais podem ser mais pacientes com os filhos, filhos podem ser mais pacientes com os pais e cônjuges podem ser mais pacientes entre si.

1. APRESENTAÇÃO

Uma das principais competências para a vida em geral, mas principalmente para a convivência familiar, é a capacidade de se comunicar bem. Observe a importância que a Bíblia dá à boa comunicação. Segundo a Palavra de Deus, se a mensagem transmitida não puder ser bem compreendida, será inútil, como se estivéssemos falando para o ar (**1Co 14.9**). Apesar de praticamente todas as pessoas saberem falar, a maior parte não sabe se comunicar, ao ponto de a Bíblia dizer que se alguém não tropeça no uso das palavras, é perfeito (**Tg 3.2-12**).

Por isso, certamente essa área é uma das mais fundamentais para o sucesso da vida familiar. A falta de comunicação ou uma comunicação distorcida podem trazer grandes prejuízos para um lar. Nessa lição, vamos refletir sobre a comunicação sob dois pontos de vista: do emissor e do receptor da mensagem. Isto é, a comunicação depende daquele que fala e daquele que escuta. Mas, a comunicação se baseia em mais do que apenas o que se diz e o que se ouve. Depende também da maneira como se dá esse processo. Aspectos como entonação de voz, expressão facial e pré-julgamentos, por exemplo, podem ter um impacto maior na efetividade da comunicação do que as próprias palavras.

Do **ponto de vista do emissor** da mensagem, isto é, daquele que fala, a comunicação precisa ser primeiramente pensada. Refletir antes de falar é o primeiro passo para evitar dizer coisas desnecessárias, informações equivocadas e palavras que ferem e machucam (**Pv 15.28**). Por isso, devemos tomar mais cuidado ainda quando vamos responder alguém, pois às vezes somos pegos de surpresa e, na tentativa de retrucar de imediato, dizemos coisas que não convém. É melhor ficar calado por um tempo e dizer que vai pensar, para só depois responder algo com calma, do que tentar responder sempre de imediato e acabar falando além do que devia. Segundo a Bíblia, quem fala demais acaba caindo em transgressão, mas quem controla a língua é sábio (**Pv 10.19**).

É preciso aprender a colocar um filtro nas palavras. A sinceridade é algo essencial na comunicação. Mas existem pessoas que se intitulam “super sinceras” ou “sem filtro” apenas como uma desculpa para dizerem o que quiserem, ainda que seja algo que machuque os outros. A pessoa realmente sábia entende que há tempo de falar e tempo de ficar calado (**Ec 3.7**).

Em segundo lugar, a comunicação precisa ser amorosa e edificante. Nossas palavras, ainda que sejam de advertência ou de crítica, precisam ser edificantes e construtivas. A violência verbal também é um tipo de violência, e muito sério. Muitas vezes, a comunicação violenta fere mais do que a própria agressão física. Nossas palavras devem sempre ser agradáveis (**Cl 4.6**). Observe se você não está usando as palavras para machucar, ou com sarcasmos e alfinetadas, que causam mais conflitos do que soluções. Até mesmo no momento das discussões mais calorosas, uma palavra branda pode diminuir a temperatura e acalmar os ânimos (**Pv 14.1**).

A comunicação também precisa ser clara. Isto é, precisamos aprender a explicar de forma objetiva e completa o que estamos pensando e querendo dizer. Às vezes, as pessoas acham que não precisam dizer algumas coisas porque os outros já deveriam saber ou deveriam conseguir entender nas entrelinhas.

Infelizmente, na maior parte das vezes, não é assim. Se não explicarmos claramente o que pensamos ou sentimos, os outros não conseguirão adivinhar corretamente.

Existem diversos motivos para as pessoas que não expressarem de forma completa o que pensam, sentem ou desejam. Medo, insegurança ou vergonha são alguns deles. São pessoas mais “fechadas”, cuja mente e coração acabam sendo, em alguma medida, uma incógnita para os demais familiares. Pode ser um adolescente, que está inseguro sobre como expressar suas dúvidas e com medo de ser julgado. Pode ser a esposa, que tem medo da reação do marido se fizer uma crítica. Ou mesmo um avô, que está cansado de tentar expressar seus sentimentos, mas nunca ser levado a sério. Mas pode ser alguém que é naturalmente tímido e não deseja se expor. De alguma maneira, essa barreira precisa ser superada e é importante tentar criar um ambiente de confiança, onde as pessoas não tenham medo de se expressar.

Algo que também prejudica muito a comunicação são os sinais contraditórios do emissor. Isto é, as palavras da pessoa dizem uma coisa, mas seu comportamento diz outra. Se os pais, por exemplo, dizem a seus filhos que eles devem ser honestos, mas os próprios pais estão constantemente tentando levar vantagem em tudo, ainda que isso fira princípios éticos, causarão grande confusão na mente de seus filhos. No fim, essa comunicação pode ser julgada até mesmo como hipocrisia (**Pv 12.19**).

Uma atitude muito prejudicial na clareza da comunicação é rotular as pessoas e generalizar seus comportamentos. Uma coisa é advertir alguém porque deixou de fazer uma tarefa; outra, muito mais séria, é rotular a pessoa como “irresponsável” ou “desleixado”. Alguns rótulos podem marcar o coração e a mente das pessoas durante muitos anos e causar danos emocionais sérios. Uma coisa é advertir alguém porque chegou tarde a um compromisso; outra, muito mais séria, é dizer que a pessoa está “sempre atrasada”. Se essa generalização não for verdade, o receptor da mensagem pode se sentir injustiçado e fechar a porta para a comunicação com o emissor. Nossas palavras precisam ser justas, precisas e construtivas, ou não terão o efeito desejado.

Por fim, lembre-se de que o tom de voz e a expressão facial são muito importantes na comunicação. No caso de pessoas que se conhecem há muito tempo, um simples olhar pode dizer muitas coisas. Por isso, peça, eventualmente, para seus familiares darem um *feedback* honesto sobre sua forma de se comunicar. Analise as críticas com imparcialidade, pois elas podem ter sentido. Além disso, evite tratar questões importante ou sensíveis por meio de aplicativos de mensagens de texto, como o WhatsApp. A comunicação escrita está sujeita a muitos problemas de interpretação, justamente porque não permite transmitir todos esses aspectos não verbais.

Do **ponto de vista do receptor** da mensagem, isto é, daquele que ouve, a primeira atitude fundamental é praticar uma escuta atenta. Ou seja, parar tudo o que for possível e dar atenção a quem está falando, de preferência olhando para o outro, pois a comunicação visual também conta muito. Infelizmente, os múltiplos estímulos que nos envolvem, tais como as redes sociais, o futebol e as séries na televisão ou o videogame prendem a atenção das pessoas as mantém distraídas, de forma que impedem uma escuta de qualidade. Muitos de nós já perceberam que as redes sociais, por exemplo, “aproximaram” pessoas que estão longe e afastaram pessoas que estão perto.

Mas a Bíblia diz que devemos ser prontos para ouvir (**Tg 1.19**). Em um mundo onde as pessoas estão sempre querendo falar e com cada vez menos tempo, dar atenção ao que o outro está dizendo é um ato de amor. É muito importante que a família adquira o hábito de desligar seus aparelhos eletrônicos,

pausar o filme, o jogo e a música ou pelo menos desligar as telas quando precisarem conversar sobre algo importante.

Ainda sobre a importância de saber ouvir, o receptor da mensagem pode ter um papel muito importante na condução da comunicação, ao fazer perguntas sinceras, à medida que tenha dúvidas ou não compreenda alguma ideia, de forma a aprofundar o diálogo. O bom ouvinte evita interromper quem está falando e também não tenta completar aquilo que o outro está dizendo. A Bíblia diz que responder antes de ouvir é tolice e vergonha (**Pv 18.13**).

Por fim, o bom ouvinte tenta compreender o que o outro está dizendo, sem pré-julgamentos. Ou seja, tentar entender as razões do outro, sem partir do princípio de que o que ele está dizendo não tem valor. Quem faz isso nunca aprende nem compreende nada. Não é sem razão que o pai, no livro de Provérbios, ao dar seus conselhos, diz explicitamente ao filho que escute suas palavras e preste atenção aos seus ensinamentos (**Pv 4.20**). As pessoas estão cada vez com mais certeza das coisas sobre as quais não sabem e por isso mesmos estão aprendendo cada vez menos.

Refleta se você e sua família têm praticado uma comunicação de qualidade, pois essa questão é central para a saúde do seu lar. Segundo a Bíblia, a morte e a vida estão no poder da língua e quem bem a utiliza come do seu fruto (**Pv 18.21**).

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Você se considera uma pessoa que se comunica bem? Reflita e escreva sobre seus pontos fortes e seus pontos fracos, a partir do estudo da lição.

Quais são as maiores barreiras para a boa comunicação em seu lar? O que poderia ser feito, segundo o estudo de hoje, para melhorar?

Ore ao Senhor e escreva um compromisso com Deus de trabalhar para melhorar a comunicação no seu lar.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Tiago 3.2-12

Ter: Mateus 12.36-37

Qua: Salmos 34.12-13

Qui: Salmos 37.30-31

Sex: Gênesis 11.5-9

Sáb: Tiago 1.26

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Das características listadas na lição, quais você considera mais importantes? E quais são mais difíceis de praticar?
- Quais os principais obstáculos para a boa comunicação na família e como eles podem ser superados?
- Cite exemplos práticos de como praticar e como não praticar as características listadas na lição.
- Por que a rotulação e a generalização ocorrem e por que elas são um problema para a boa comunicação?

1. APRESENTAÇÃO

Assim como a igreja é um corpo, onde cada membro tem uma função, ocorre também com a família. No corpo, a justa cooperação de cada parte promove o crescimento e a edificação (**1Co 12.25; Ef 4.16**). A família é uma comunidade na qual cada integrante deve desempenhar papéis e assumir responsabilidades, que às vezes são exclusivos, mas às vezes são compartilhados. É como um trabalho em equipe, cujo sucesso depende do bom desempenho das pessoas em cada função.

Ao abordar esse tema, poderíamos partir de textos clássicos, que tratam de forma resumida dos diferentes papéis na família. Por exemplo, em **Ef 5.21-6.4**, aprendemos que os maridos devem amar as esposas como Cristo amou a igreja, que as esposas devem estar sujeitas aos maridos como a igreja está sujeita a Cristo, que os filhos devem obedecer e honrar seus pais e que os pais devem criar os filhos com disciplina, mas sem irritá-los.

Mas, mais do que pensar apenas nas figuras do marido, da esposa, dos pais e dos filhos, podemos pensar do ponto de vista dos papéis que eles representam: provisão, autoridade, cuidado, obediência. A partir daí, podemos pensar esses papéis para qualquer tipo de família, mesmo aquelas que não possuem a configuração pai-mãe-filhos.

O primeiro papel que pretendemos tratar é o de **provisão**. Prover significa servir às necessidades materiais e práticas da família. Toda família precisa de bens para sua subsistência e de recursos materiais para viver de forma digna. Esses recursos são obtidos ou mantidos por meio, principalmente, do trabalho. Em nossa sociedade, o trabalho remunerado é o meio que as famílias têm para adquirir alimentos, pagas as contas de luz e água, o aluguel etc. Cada família é diferente e têm maior ou menor necessidade de que parte de seus membros trabalhe fora. Mas, certamente, a negligência para com o trabalho pode afetar o lar com carência material (**Pv 14.23**). A Bíblia condena a preguiça e associa essa atitude com a pobreza (**Pv 10.4-5; 20.13**).

Evidentemente, há famílias que possam por momentos difíceis, em que não se consegue um trabalho remunerado, ou mesmo não têm adultos suficientes para obter a renda necessária (caso de algumas famílias com pais ou mães solo). Nesses casos, até mesmo a ajuda do Governo, de vizinhos ou da igreja é necessária para garantir o básico, como o alimento. Entretanto, em famílias em que há a necessidade de trabalhar, mas alguns dos adultos não assumem sua responsabilidade, e passam a viver às custas dos outros, há certamente uma negligência.

Em nossa sociedade, a responsabilidade pelo trabalho recai sobre os jovens e os adultos, pois na maior parte dos casos é vedado às crianças e aos adolescentes exercerem trabalho remunerado. Segundo a Bíblia, as mulheres também podem trabalhar fora (**Pv 31.13-14**). A mulher, tendo a possibilidade de trabalhar, tanto se realiza profissionalmente quanto contribui para a provisão do lar. Entretanto, entendemos que essa responsabilidade recai primeiramente sobre os homens. Por sua força física superior à da mulher, caso alguém tenha que fazer maiores sacrifícios no mundo do trabalho, esse deve ser o papel dos homens da casa. E, de forma geral, os adultos que precisam ficar em casa devem realizar os trabalhos domésticos tão necessários para a manutenção do lar.

A provisão mencionada aqui deve ser entendida tanto do marido para com a esposa e dos pais para com os filhos, mas também dos filhos para com os pais. No caso dos pais idosos, por exemplo, a Bíblia diz que os filhos que não os sustentam materialmente, tendo condições, estão piores que os infiéis (1Tm 5.4,8). Portanto, podemos generalizar a ideia de que, na família, aqueles que têm condições devem prover o sustento para aqueles que não têm.

Embora as crianças e os adolescentes não possam, via de regra, trabalhar fora de maneira remunerada, ainda assim existem diversos trabalhos não remunerados que eles podem realizar dentro de casa. Desde que sejam respeitadas suas limitações e o tempo necessário para seu descanso, lazer e estudos, é saudável que os filhos contribuam no lar com tarefas que possam aliviar a carga dos adultos que precisam trabalhar fora. Tarefas como guardar os brinquedos, arrumar o material escolar, lavar louça, varrer, passar pano, arrumar as camas e retirar o lixo são alguns exemplos de como até mesmo as crianças e os adolescentes podem ser provedores de suas famílias.

O segundo papel que desejamos mencionar é a **autoridade**. Todo grupo social precisa de uma liderança, e na família não é diferente. A primeira forma pela qual a autoridade mostra sua importância são as decisões. É muito ruim quando a família precisa tomar uma decisão, por exemplo, entre fazer uma reforma na casa ou trocar um carro antigo, mas fica paralisada. O(s) líder(es) do lar precisa(m) se empenhar no esforço intelectual, emocional e espiritual de tomar decisões práticas que deem um direcionamento para a família.

A segunda importância da autoridade está na orientação, no estabelecimento de regras e na disciplina dos demais membros da família. Normalmente, isso se dá em relação a pais e filhos. Pais que não educam seus filhos estão sendo omissos. Observe como o próprio rei Davi foi alvo de uma menção desonrosa por nunca ter orientado seu filho (1Re 1.6).

Essa relação de autoridade também pode ocorrer entre adultos, como no caso de familiares que vivem como dependentes no lar de outros. Mas, e no caso de marido e esposa? Um dos efeitos do pecado é a disputa de poder entre cônjuges, em que um deseja dominar sobre o outro. Geralmente, quando isso ocorre, é o homem que consegue se impor, por exemplo, pela força física ou pela dependência financeira da esposa. Entretanto, algumas vezes, a esposa consegue se impor e subjugar o marido. Para evitar essa disputa de poder entre o casal, Deus estabeleceu uma autoridade servidora, por parte do marido, e uma submissão participativa, por parte da esposa (1Co 11.3; Cl 3.18; Tt 2.5; 1Pe 3.1,7). O modelo é a relação entre Cristo e sua igreja.

Essa autoridade masculina vem acompanhada de uma série de condições para que não se torne autoritarismo. O marido exerce uma liderança que visa atender às necessidades físicas, emocionais e materiais da esposa (Ef 5.29). O padrão de marido esperado na Bíblia é o mais alto possível: ele deve ser para a esposa o que Cristo é para sua igreja. Portanto, a autoridade do marido não é de alguém que busca ser servido, mas de alguém que procura servir (Mt 20.28). A esposa, por outro lado, reconhecendo o peso da liderança e, muitas vezes, do sacrifício, que recai sobre o marido, se coloca voluntariamente em uma posição de apoiá-lo na sua missão de liderar a família e procura todos os meios para apoiá-lo.

Evidentemente, é saudável que marido e esposa, sendo uma só carne, consigam pensar de forma tão harmoniosa que exerçam uma liderança conjunta no lar. A Bíblia diz “sujeitai-vos uns aos outros” (Ef 5.21). Constantes divergências de opinião e de vontade entre marido e esposa podem ser sinal de problemas de comunicação e ausência de compreensão. Por outro lado, quando há alinhamento de valores

e de expectativas, é saudável que a autoridade seja compartilhada ou até mesmo delegada, visto que pode ser um peso para uma pessoa só exercer autoridade sobre todos os aspectos da família. Marido e esposa, por exemplo, compartilham a autoridade sobre os filhos e o papel de educá-los. Observe que a Bíblia manda aos filhos honrarem “seu pai e sua mãe” (Mt 19.19).

Além disso, é importante pensar na autoridade não como algo imposto, mas como algo conquistado. Certamente, a autoridade dos pais sobre os filhos, por exemplo, é incondicional. Entretanto, quando os pais são exemplos de conduta para seus filhos, essa autoridade será mais naturalmente reconhecida por eles e produzirá melhores efeitos.

É ilusão acreditar que alguém que não demonstre sabedoria, piedade e justiça pretenda impor autoridade sem questionamentos. Uma das causas da irritação dos filhos contra os pais, como mencionada na Bíblia, é o excesso de cobrança sobre eles, enquanto os pais não demonstram a mesma dedicação em suas próprias vidas. Pais abusivos, manipuladores ou excessivamente controladores geralmente produzem efeitos destrutivos na mente e no coração de seus filhos. A Bíblia alerta aos pais para que não irrite seus filhos (Ef 6.4). Ainda falando sobre a autoridade do marido, infelizmente há casos em que este não assume seu papel. Quando o marido é omissos, muitas vezes a esposa precisa ocupar esse espaço, tomando decisões sozinha ou assumindo sozinha a educação dos filhos. Embora essa medida seja importante para manter o funcionamento da família, pode se tornar insustentável no longo prazo, produzindo estresse e esgotamento.

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Dos papéis estudados hoje, você exerce algum em sua família? Você tem exercido esses papéis da melhor forma possível? Se não, por quê?

Quem exerce o papel de liderança e autoridade ou quem são as autoridades em seu lar? Essa(s) pessoa(s) tem conseguido desempenhar esse papel? Ela(s) têm recebido o apoio necessário para cumprir essa missão?

Se você é casado(a), como tem sido a vivência dos papéis de autoridade servidora (marido) e de submissão participativa (esposa) em seu casamento?



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Romanos 13.1-5

Ter: Salmos 104.14-15

Qua: Efésios 5.21-33

Qui: 1 Pedro 3.1-8

Sex: Marcos 10.6-9

Sáb: Provérbios 22.6

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Por que é importante que a família funcione segundo os papéis para ela estabelecidos na Bíblia?
- Como as famílias podem se adaptar às realidades econômica e social atuais para prover o que é necessário ao seu lar?
- Qual é a importância do papel de liderança e autoridade na família? Quais as consequências caso eles não sejam exercidos?
- De que maneira marido e esposa podem conciliar os papéis de autoridade servidora e submissão participativa de forma harmônica?

1. APRESENTAÇÃO

Na lição anterior, estudamos sobre dois papéis importantes na família: papel de provisão e papel de autoridade. Na lição de hoje, vamos dar continuidade, estudando sobre outros importantes papéis: de obediência e de cuidado. E vamos aproveitar também para refletir também sobre a questão das regras e dos combinados na família.

Se existe papel de autoridade na família, existem também os papéis de **obediência/honra**. Esse é o papel, por exemplo, dos filhos (**Ef 6.1-3**). Um lar só pode dar certo quando os filhos são obedientes e respeitosos. Isto é, filhos que ouvem as orientações dos pais, que realizam as tarefas domésticas a eles solicitadas, que se dedicam aos estudos e que falam a verdade. Veja que o Senhor Jesus dá exemplo disso, sendo submisso aos seus pais (**Lc 2.51**).

Mas honrar os pais é mais do que apenas obedecer; é retribuir todo o bem que eles fazem, com sua provisão e seu cuidado. Filhos gratos naturalmente honram seus pais com cuidado recíproco e com respeito por suas opiniões e suas limitações, conforme vão envelhecendo. Ou seja, os filhos devem honrar seus pais até o fim da vida, e não somente enquanto estão morando sob o mesmo teto.

Conforme os filhos vão crescendo, nem sempre os pais compreendem o limite até onde podem tentar interferir na sua vida. Às vezes, por excesso de zelo, os pais querem tentar controlar a vida dos filhos adultos. É muito ruim para um casamento, por exemplo, quando os cônjuges permitem que os pais interfiram no seu lar, atropelando a autonomia do casal.

Mas colocar esse limite na interferência dos pais na vida adulta não significa deixar de ouvir seus importantes conselhos e ensinamentos. Os pais idosos devem ser vistos como potencial fonte de sabedoria, que vem com a experiência de vida, e suas palavras e exemplos que estão de acordo com a vontade de Deus devem ser valorizados.

A questão da honra não deve ser vista somente com relação a pais e filhos. A Bíblia fala sobre honrar as autoridades, de forma geral (**Rm 13.7**). Se você é um adulto e vive em um lar onde outro adulto é autoridade, essa pessoa deve ser alvo de sua honra. Ou seja, deve haver respeito reverente por qualquer pessoa que batalha para manter o lar com provisão e ordem.

Por fim, existe um último papel muito importante, que gostaríamos de tratar, que é o do **cuidado**. Já falamos um pouco sobre esse papel, ao mencionar os papéis de provisão e autoridade. Prover e liderar também são, de certa forma, cuidar. Entretanto, ao falar de cuidado estamos enfatizando explicitamente a atitude de se preocupar com o outro na sua integralidade, sob o aspecto físico, emocional e espiritual. Significa se importar com o próximo, buscando protegê-lo e fazer-lhe o bem, dando-lhe carinho, afeto e acolhimento.

Observe que a Bíblia diz que a pessoa casada se preocupa em como agradar o cônjuge (**1Co 7.33**). Há um tom negativo nas palavras de Caim quando disse que não era responsável por cuidar do seu irmão Abel (**Gn 4.9**). E a Bíblia indica ser praticamente inimaginável, por exemplo, uma mãe não cuidar do bebê que foi por ela gerado (**Is 49.15**).

Esse papel, de cuidado, recai sobre todos os membros da família. Pais devem cuidar dos filhos, cônjuges devem cuidar um do outro, assim como devem fazer os irmãos, e filhos devem cuidar dos pais, conforme estiver ao seu alcance. Quando levamos as cargas uns dos outros, estamos cumprindo a lei de Cristo (**Gl 6.2**).

A esse ponto, é importante pensar sobre algumas inversões de papéis e como elas podem ser prejudiciais à família ou a um indivíduo em específico. Um primeiro exemplo seriam os chamados “filhos parentais”. Isto é, são crianças ou adolescentes que, na ausência de adultos provedores ou que exerçam papel de autoridade, precisam assumir esses papéis, seja trabalhando fora ou dentro do lar, seja tomando decisões importantes que deveriam ser tomadas por adultos responsáveis. Às vezes, os adultos da casa se veem incapazes, talvez por uma enfermidade ou por um vício, ou são ausentes. Alguma criança ou adolescente acaba tendo que cuidar das tarefas domésticas, dos irmãos ou mesmo de adultos incapacitados.

Filhos parentais, embora amadureçam mais cedo, devido às pressões que enfrentam e às responsabilidades que precisam assumir, podem acabar prejudicados em seu desenvolvimento, por serem forçados a pular etapas da vida, terminando também por renunciar aos seus próprios sonhos, desejos e vocações. Além disso, podem não suportar, no médio ou no longo prazo, a pressão e chegar a um esgotamento físico e emocional.

Outra inversão de papéis que pode ocorrer são os pais idosos que precisam cuidar de seus filhos ou netos. No momento em que deveriam descansar, após décadas de dedicação e trabalho, alguns idosos são forçados a assumir o sustento dos filhos adultos ou mesmo de criar os netos, pela ausência ou falta de responsabilidade dos pais. Evidentemente, os avós têm prazer em cuidar dos netos. Entretanto, quando isso se torna uma obrigação e vai além da sua capacidade física, financeira ou emocional, aquilo que deveria ser um prazer e um auxílio aos pais pode se tornar um sacrifício e um peso.

Por fim, é preciso também tratar de uma importante questão dentro de toda a família, que são as **regras e combinados**. Todo ambiente social, onde há a interação entre pessoas, compartilhamento de bens e tarefas a serem realizadas, precisa de regras. Veja que, na própria igreja, a Bíblia exige que tudo seja feito com ordem (**1Co 14.40**). Ainda pegando o exemplo da igreja, a Bíblia também alerta sobre a convivência com pessoas que vivem de forma desordenada (**2Ts 3.6**).

É muito ruim viver em uma casa sem regras. As pessoas deixam de cumprir suas tarefas ou acabam desrespeitando o direito dos outros. Por outro lado, é ruim também viver em uma casa onde há regras em excesso, e elas são tão rígidas que as pessoas se sentem sufocadas, sem espaço para o descanso, para a criatividade e para o lazer. As regras e os combinados ajudam a manter a rotina e também permitem alcançar uma certa estabilidade e previsibilidade nas relações, o que pode diminuir ansiedade e desgastes. Regras e combinados são construtivos para a dinâmica familiar.

Quando as responsabilidades são mal definidas ou não são corretamente desempenhadas, podem ocorrer lacunas e sobreposições. Quando há lacunas, algumas tarefas e responsabilidades acabam negligenciadas e alguém pode acabar sobrecarregado. Isso ocorre, por exemplo, quando ninguém assume a responsabilidade pela limpeza de uma parte da casa. No fim, ou a casa ficará sempre bagunçada e suja ou alguém acabará sobrecarregado, fazendo tudo sozinho. No caso das sobreposições, elas podem ocorrer também quando os membros da família competem pelo mesmo papel. Nesse caso, conflitos podem surgir.

Isso pode ocorrer, por exemplo, quando um irmão tenta impor sua autoridade sobre o outro, sendo que esse papel pertence aos pais.

Algumas regras e combinados comuns e, em alguns casos, necessários em muitas famílias estão relacionados às tarefas domésticas, à alimentação, aos horários, ao uso da tecnologia, à comunicação, ao uso do dinheiro e tudo mais que faça parte da rotina doméstica.

Existem algumas formas de potencializar o estabelecimento das regras e combinados. A primeira é criar regras realistas. Não adianta criar regras impossíveis de serem cumpridas. Isso produzirá frustração e talvez até conflitos. Em segundo lugar, é interessante escrever as regras e combinados e deixar a lista acessível, em lugar visível, e eventualmente todos juntos revisitem essa lista para lembrar e avaliar o que tem sido feito e o que não tem sido cumprido. Talvez, nessa avaliação, se verifique as regras precisam ser alteradas.

Mas uma das ações mais importantes para estabelecer boas regras e combinados é o diálogo. Evidentemente, algumas vezes algumas regras precisarão ser impostas. Entretanto, sempre que possível, é saudável que as regras sejam combinadas e que todos participem juntos de sua construção. Assim, será possível elaborar regras realistas e conseguir a boa vontade de todos no seu cumprimento.

Refleta sobre sua responsabilidade nos papéis estudados hoje e sobre como está o estabelecimento de regras seu lar.

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Se você é filho, como tem sido sua obediência para com seus pais? O que você deveria fazer para honrar seus pais da forma como a Bíblia orienta?

Os membros de sua família estão cuidando uns dos outros conforme a orientação bíblica? Algum membro da família tem sido negligenciado nesse cuidado?

Sua casa tem regras e combinados claros e conhecidos por todos os integrantes? Quais regras e combinados precisariam ser implementados para promover maior ordem ao seu lar?



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Efésios 6.1-4

Ter: 1 Coríntios 7.1-12

Qua: 1 Coríntios 7.13-23

Qui: 1 Coríntios 7.24-31

Sex: 1 Coríntios 7.32-40

Sáb: 1 Samuel 2.12,22-25

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- De que maneira os filhos devem obedecer e de que forma podem honrar seus pais?
- Como pode se dar essa relação de obediência dos filhos no caso de pais que nem sempre agem com justiça?
- Cite exemplos de cuidado físico, emocional e espiritual entre os membros da família.
- Qual é a importância das regras e combinados para o funcionamento do lar?

1. APRESENTAÇÃO

Se há uma mensagem clara na Bíblia é a de que há tempo certo para cada coisa (**Ec 3.1-8**). Deus deixa isso claro também ao estabelecer para o povo de Israel que havia tempo para trabalho e tempo para o descanso (**Êx 20.8-10**). A Bíblia descreve de forma negativa alguém que perde tempo e que fica “à toa” quando deveria trabalhar e cumprir suas responsabilidades (**Pv 6.9-11**). Podemos, ainda, lembrar da parábola dos talentos, em que o Senhor pede contas de cada pessoa pelo bom uso dos recursos que teve (**Mt 25.14-30**). Podemos imaginar que o tempo, esse bem tão precioso, também precisa ser administrado com prudência. Utilizar bem o tempo e aproveitar bem as oportunidades são características de uma pessoa sábia (**Ef 5.15-16; Cl 4.5**).

Certamente, essas verdades também servem para a família e podemos concluir que há tempo certo para a intimidade entre o casal, para o tempo a sós, para a diversão, para o sono, para a alimentação, para a atividade física, para a oração e a meditação na Palavra, mas também para o trabalho, para os estudos, para as tarefas domésticas e para o serviço cristão.

Então, a família precisa encontrar o equilíbrio do tempo entre as suas diversas atividades e necessidades. E cada integrante da família precisa fazer o correto uso do tempo que possui. Tudo sobre o qual falamos nas lições anteriores (cuidado mútuo, educação, busca por Deus, comunicação, provisão e autoridade, por exemplo), requerem tempo. De nada adiantará boa vontade se não houver tempo para realizar.

Em geral, as pessoas atualmente manifestam a sensação de que não têm tempo, de que estão sempre atarefadas, de que precisam de pressa e de que não estão dando conta de suas responsabilidades. De fato, em nossa sociedade, têm aumentado as pressões no mercado de trabalho, a concorrência nos concursos e entre empresas e a exigência de cursos e de qualificações acadêmicas.

A vida tem se tornado mais complexa também devido a uma série de exigências que não necessariamente faziam parte da rotina das famílias no passado. Algumas são positivas, tais como manter uma vida mais saudável e garantir uma presença maior dos pais na vida dos filhos. Outras, talvez sejam dispensáveis, tais como possuir o último modelo de *smartphone* ou saber/precisar se posicionar sobre todos os assuntos da política do Brasil e o do resto do mundo.

Nesse sentido, certamente, parte dessa sensação de correria e de falta de tempo se deve a outros fatores que são mais evitáveis, tais como o cansaço mental causado pelo excesso de informação e o desperdício de tempo causado pelas distrações oriundas da profusão de estímulos que recebemos diariamente. O desperdício de tempo é uma realidade na vida de muitas pessoas. Chamo de desperdício de tempo a dedicação a alguma atividade diferente das que você deveria fazer ou que lhe trazem algum proveito. Se alguém precisa relaxar, o descanso não é desperdício de tempo. Mas, se alguém já descansou o suficiente e precisa trabalhar, estudar ou cuidar da casa, continuar relaxando é perder um tempo precioso. Então, a sabedoria no uso do tempo está relacionada ao equilíbrio entre necessidades, desejos e prioridades.

Certamente, uma das principais causas do desperdício de tempo em nosso contexto é o vício no entretenimento eletrônico, seja ele baseado nas redes sociais, na transmissão de jogos esportivos, no videogame ou nas séries e filmes. Os *smartphones* facilitaram o acesso de cada integrante da família ao seu próprio entretenimento, de forma que não há necessidade sequer de consumirem juntos algum conteúdo. Os algoritmos das plataformas digitais identificam o que interessa a cada pessoa, conforme seu perfil, e passam a oferecer aquilo que mais lhe atrai, produzindo efeitos viciantes semelhantes aos de drogas psicoativas. E, assim, o tempo vai se esvaindo sem a pessoa perceber.

A pessoa mais sábia que o mundo já viu nessa área de não desperdiçar tempo e ser focado foi Jesus. O Senhor afirmou explicitamente aos seus discípulos que não tinha tempo a perder (**Jo 9.4**). Algumas vezes, durante seu ministério, pessoas tentavam desviá-lo da tarefa que Ele precisava realizar, mas Cristo não permitia, como quando no episódio em que Pedro diz a Jesus que as pessoas o procuravam (possivelmente para serem curadas), mas Jesus responde que não era o momento para aquilo, pois Ele deveria ir às aldeias vizinhas para pregar (**Mc 1.36-38**). Jesus somente mudava seus planos a pedido de alguém quando estava absolutamente consciente dessa possibilidade.

A família também precisa ter essa consciência e esse foco de Jesus. Uma estratégia interessante é conscientizar seus integrantes para que cada um imponha a si mesmo uma autolimitação no tempo de uso da tecnologia. Outra estratégia é definir momentos em que o uso da tecnologia é suspenso (por exemplo, na hora das refeições) para que os membros da família possam concentrar a atenção uns nos outros. Uma outra estratégia, ainda, é organizar momentos em que todos consumam algum entretenimento em conjunto, oportunizando assim a interação e o diálogo sobre um assunto único, no qual todos estejam envolvidos.

Uma maneira prática de a família evitar o desperdício do tempo é elaborar listas de tarefas para a semana. Essa lista pode ser elaborada no domingo, individualmente ou em conjunto, de maneira que, durante a semana, a família possa verificar aquilo que já foi cumprido e o que ainda está pendente, e assim avaliar melhor se o tempo está sendo bem utilizado ou não.

Nesse sentido, é importante também a família agendar previamente seus encontros, para que todos possam se organizar. Parece estranho, para algumas pessoas, falar em agendar encontros com a própria família. Mas, em uma sociedade na qual as pessoas estão com suas agendas cheias também fora do período de trabalho e de estudo, com horários marcados para praticar esportes, frequentar cursos de idiomas, participar de atividades na igreja etc., agendar previamente um horário que esteja disponível para todos torna-se uma necessidade. Evidentemente, sempre que os membros da família estão junto em casa, devem ter liberdade para procurarem uns aos outros para tratar de questões pontuais. Entretanto, para atividades mais profundas, que requeiram tempo de qualidade sem distrações, como, por exemplo, um culto doméstico, o ideal é que haja um agendamento prévio, de forma que possam se organizar para terem uma dedicação maior.

Desta maneira, a família poderá garantir a participação de todos em momentos absolutamente essenciais, tais como um culto ou devocional familiar, uma refeição em conjunto ou uma conversa mais profunda sobre assuntos de interesse e de impacto geral. Aliás, é essencial que a família faça desses momentos uma prioridade. Se deixarmos que os momentos importantes em família ocorram somente quando sobrar espaço na agenda de todos, eles dificilmente vão ocorrer. Muitas vezes, alguns integrantes da família precisarão fazer ajustes em sua agenda para abrir espaço para sua família, que é o grupo mais

importante de sua vida. Nós mostramos, de maneira prática, o amor pela família e o valor que damos para ela também ao fazer cortes em outros compromissos para estar com nossos familiares em um devocional doméstico, em um momento comemorativo ou em um bate-papo onde ocorrerão conversas importantes.

No aspecto de colocar Deus em primeiro lugar, Jesus também é o exemplo maior. Em seu ministério, certamente o Senhor tinha muitas demandas. Eram milhares de pessoas que desejavam falar com Ele, tocá-Lo e receber uma cura ou uma libertação. Se Jesus fosse esperar o tempo livre para dedicar-Se à vida devocional, dificilmente conseguiria. Por isso, o Senhor Jesus separava momentos específicos em sua agenda para orar ao Pai. Em algumas situações, Ele acordava bem cedo, ou mesmo passava a noite orando, pois sabia que eram os momentos de maior silêncio e tranquilidade para se dedicar à oração (Mc 1.35; 6.12).

É interessante como a Bíblia menciona mais de uma vez a prática de orar de madrugada (At 16.25; Sl 63.6; 119.2). Talvez, isso seja uma espécie de “dica” para nós. Se a vida é corrida e durante o dia há várias distrações, separar algum período da noite, ainda que eventualmente, para orar e passar um tempo com Deus, seja uma estratégia para garantir um tempo de qualidade com o Senhor.

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Você gerencia bem o seu tempo? Como você poderia evitar que algumas coisas consumissem seu tempo desnecessariamente?

Sua família tem uma programação (diária ou semanal) das atividades que precisam ser realizadas? Você acha que isso ajudaria na organização do lar?

Converse com sua família e tente fazer uma agenda semanal para o bom uso do tempo, tanto individual quanto em conjunto.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Eclesiastes 3.1-8

Ter: Êxodo 20.8-10

Qua: Provérbios 6.9-11

Qui: Mateus 5.14-30

Sex: Efésios 5.15-16

Sáb: Salmos 90.12

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Por que você acha que a Bíblia fala tanto sobre a sabedoria no uso do tempo? Qual é a importância disso para a família?
- Por que temos a sensação de que as pessoas estão reclamando cada vez mais de falta de tempo? Essa falta de tempo é real?
- De que forma a tecnologia e o entretenimento podem ser um fator que prejudica o bom uso do tempo nas famílias?
- Qual é a importância de separar um tempo de qualidade para a convivência familiar e para a devoção em conjunto?

1. APRESENTAÇÃO

Todas as pessoas da família precisam de cuidado, sejam elas adultos, jovens, homens ou mulheres. Entretanto, devido à menor capacidade de autonomia, alguns integrantes da família precisam de cuidados ainda maiores, tais como as crianças na primeira infância e os idosos. Mas existem pessoas que precisam ter um olhar ainda mais especial: as pessoas com deficiência.

As pessoas com deficiência são aquelas que possuem limitações físicas, sensoriais ou intelectuais que prejudicam, em algum grau, suas interações sociais e sua capacidade para desempenhar atividades cotidianas. Podemos citar, como exemplo, as pessoas com paralisia ou mobilidade reduzida, as pessoas com deficiências visuais e auditivas e as pessoas com Transtorno do Espectro Autista ou com síndrome de Down. Todas essas pessoas apresentam alguma limitação na sua autonomia, em relação aos demais indivíduos da mesma idade, e por isso necessitam de suporte adicional por parte da família e do restante da sua comunidade.

Na Bíblia, vemos que Deus tem uma preocupação especial com as pessoas com deficiência. Na Lei de Moisés, há uma condenação específica para pessoas que prejudicassem, de alguma forma, as pessoas surdas e cegas (**Lv 19.14; Dt 27.18**).

A Bíblia apresenta também diversos episódios nos quais pessoas com deficiência se fazem participantes e que mostram a necessidade de oferecer-lhes suporte.

Quando Moisés diz que era “pesado de boca e pesado de língua”, possivelmente não se referia somente à falta de eloquência, pois a resposta de Deus, em forma de pergunta, foi: “quem fez o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego?”. Em sua limitação, Moisés teve que ser ajudado por seu irmão Arão, na tarefa de falar ao povo sobre os desígnios de Deus (**Êx 4.10-16**). É interessante também a história de Mefibosete, neto do rei Saul, que tinha uma deficiência nos pés, e que foi acolhido por Davi na corte real, e sustentado juntamente com sua família (**2Sm 9.1-13**).

O apóstolo Paulo, líder da igreja primitiva, também era uma pessoa com deficiência. Ele afirmava que escrevia com grandes letras e (**Gl 6.11**) e precisava de alguém que redigisse as cartas para ele (**Rm 16.22**), o que possivelmente indica que tinha uma limitação na visão. E quem não se lembra também da história do jovem com paralisia, cuja cama os amigos precisaram baixar pelo telhado de uma casa, para que pudesse chegar até Jesus e ser curado (**Mc 2.1-12**)? Poderíamos citar ainda o patriarca Isaque (cego) e o sacerdote Zacarias (mudo), entre muitos outros.

Tudo o que estudamos até agora, e que ainda vamos estudar nessa revista, se aplica a pessoas com ou sem algum tipo de deficiência. A presença de Deus, o desenvolvimento de características pessoais, os papéis e as responsabilidades, uma boa comunicação e o um bom gerenciamento do tempo, tudo isso tem o mesmo valor para qualquer familiar. Entretanto, as pessoas com deficiência precisam ter uma atenção e um cuidado especiais.

Não apenas elas, mas também suas famílias. Isto é, a família que possui pessoas com deficiência também precisa de cuidados especiais. A igreja é como se fosse uma família composta por várias famílias.

Essas famílias devem dar suporte umas às outras, e as famílias que têm como integrantes pessoas com deficiência precisam de suporte ainda maior.

Algumas das principais dificuldades enfrentadas pelas famílias compostas por pessoas com deficiência são:

Diagnóstico e tratamento adequados. Nem sempre a família consegue receber um diagnóstico adequado para seu familiar ou esse diagnóstico demora muito, o que pode prejudicar o tratamento que seria mais apropriado para reduzir suas limitações e aumentar sua autonomia.

Educação inclusiva. Crianças com deficiência nem sempre conseguem suporte do sistema escolar para estarem junto com as outras crianças e têm seu desenvolvimento intelectual e social prejudicados.

Apoio psicológico e emocional. Os membros de famílias que cuidam de pessoas com deficiência podem enfrentar sobrecarga física e emocional e podem sofrer de esgotamento, devendo eles também serem cuidados.

Acessibilidade e mobilidade. Falta de acesso a cadeiras de rodas e inexistência de calçadas acessíveis, de elevadores e de rampas são alguns exemplos de barreiras para a locomoção de pessoas com deficiência e de suas famílias em nossas cidades.

Combate ao preconceito. As pessoas com deficiência e suas famílias podem ser estigmatizadas como “diferentes” ou “incapazes” e por isso serem excluídas de atividades sociais, do mercado de trabalho, do sistema de ensino e até mesmo de atividades nas igrejas.

Suporte legal e garantia de direitos. Às pessoas com deficiência e suas famílias é prevista em lei uma série de direitos, a fim garantir sua inclusão social e cidadania. Um exemplo é a Lei nº 13.146/2015, chamada de Estatuto da Pessoa com Deficiência. Entretanto, muitas vezes essa legislação é desconhecida ou desrespeitada pela sociedade e pelo setor público.

Aspectos financeiros. As pessoas com deficiência e suas famílias podem enfrentar dificuldades materiais e financeiras. Isso pode ocorrer tanto pela falta de oportunidade de trabalho, por exemplo, em horários flexíveis, o que prejudica o alcance de uma renda básica, quando pelas despesas extras necessárias para oferecer suporte extra necessário no lar.

Acesso a equipamentos e tecnologia. Cada vez mais, a ciência, especialmente nas áreas da medicina e da tecnologia da informação, oferece recursos que auxiliam as pessoas com deficiência. Aparelhos auditivos, cadeiras motorizadas e próteses são alguns exemplos disso. Entretanto, devido ao custo, tais equipamentos podem não ser acessíveis à maioria das pessoas e famílias.

Também é muito importante que a família e a igreja consigam sempre enxergar o valor que há nas pessoas com deficiência. Veja que, quando os discípulos passam por um homem cego de nascença, e perguntam a Jesus se isso havia ocorrido por alguma maldição do pecado, o Senhor responde que foi assim “para que nele se manifestem as obras de Deus” (Jo 9.1-3). Nesse caso, essa obra seria a cura que Jesus ministraria em sua vida.

As pessoas com deficiência na família podem nos dar grandes lições de força, determinação, perseverança, superação, valor à vida e gratidão, pois enfrentam, e muitas vezes superam, barreiras aparentemente intransponíveis para cumprirem seu papel no mundo. Evidentemente, pessoas com deficiência também são pecadoras, como todos os demais, podendo manifestar vícios e atitudes maldosas e até preconceituosas. Entretanto, são muitos os casos em que as pessoas com deficiência nos ensinam,

ao combinar a consciência de suas limitações com a gratidão pelas possibilidades e o desejo de transpor barreiras e desafios.

Quando a família coloca todas as suas realidades na perspectiva de Cristo, podemos entender que as obras de Deus manifestadas na vida das pessoas com deficiência são tanto o amor que elas recebem de seus familiares quanto o amor que elas mesmas ministram sobre a vida de quem delas cuidam. Quantas vezes nos sentimos até constrangidos, quando reclamamos da vida mesmo sem ter nenhum tipo de deficiência, ao passo que vemos pessoas com muitas limitações demonstrando gratidão e alegria por tudo que receberam de Deus.

Todas as pessoas com deficiência são acolhidas por Deus (**Jr 31.8-10; Lc 14.21**) e precisam ser acolhidas por suas famílias e pela igreja. Acolher pessoas com deficiência significa, então, honrar a Deus que as criou e também viabilizar a inclusão do restante da família. Não é fácil para uma família que cuida de uma pessoa com transtorno do espectro autista estar em uma igreja sem preocupação com o volume do som. Não é fácil para uma família com uma pessoa cadeirante estar em uma igreja sem acessibilidade. Não é fácil para uma família com uma pessoa surda estar em uma igreja sem intérprete de libras. Esses são alguns exemplos do que queremos dizer.

Ainda que as pessoas com deficiência tenham limitações no corpo, são membros importantes na família e no corpo de Cristo. E elas se enquadram justamente na lição bíblica de que os membros que parecem ser mais fracos são necessários e a esses devemos dar muito maior honra (**1Co 12.22-27**).

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Se sua família tem como integrante uma pessoa com deficiência, vocês tem conseguido ter uma perspectiva correta de como se relacionar com esse familiar?

Se sua família tem como integrante uma pessoa com deficiência, quais as maiores dificuldades que vocês enfrentam? Como poderiam ser superadas?

Se sua família tem como integrante uma pessoa com deficiência, quais os maiores aprendizados que vocês adquiriram nessa convivência?



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Êxodo 4.10-16

Ter: Marcos 2.1-12

Qua: 2 Samuel 9.1-13

Qui: João 9.1-3

Sex: 1 Coríntios 12.22-27

Sáb: Lucas 14.13-14,21

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Quais as maiores dificuldades vivenciadas pelas famílias compostas por pessoas com deficiência?
- De que forma nós como igreja podemos melhorar o acolhimento às famílias compostas por pessoas com deficiência e sua participação nas atividades dos ministérios?
- De que maneira as famílias da igreja poderiam apoiar as famílias que tem como integrantes pessoas com deficiência?

1. APRESENTAÇÃO

É uma realidade bastante evidente o fato de sermos diferentes e essas diferenças terem impacto direto em nossas relações sociais, em especial, na família. Nas primeiras semanas do casamento, os cônjuges já podem perceber diferenças de costumes, de pensamentos e de gostos pessoais um no outro, que talvez não tenham sido identificadas durante o namoro e o noivado. Os pais que têm mais de um filho vão percebendo, com o passar dos anos, as diferenças de temperamento, de comportamento e de habilidades que existem entre os irmãos, mesmo tendo eles recebido a mesma educação e crescido no mesmo ambiente.

Algumas das principais diferenças na família são: a *geracional*, em que os mais velhos têm visões mais tradicionais e conservadoras, enquanto os mais novos têm visões mais inovadoras e progressistas; a de *personalidade e temperamento*, que fazem com que alguns membros da família sejam mais extrovertidos, intensos e ousados, enquanto outros são mais introvertidos, estáveis e cautelosos; a de *gostos e hobbies*, de maneira que os familiares podem não ter as mesmas preferências por esportes, artes, comidas, leitura, moda, decoração, jogos, entre outros; as de *comportamentos e hábitos*, que fazem com que os familiares diverjam sobre organização, limpeza, horários, compromissos, uso do dinheiro etc.; as de *cultura e valores*, que afetam as visões de mundo relacionadas à política, à religião, à ética e à educação dos filhos; e a de *sonhos e expectativas*, que impactam a forma como os membros da família olham para o futuro, para carreira profissional, para a aquisição de bens, para a formação da sua própria família e muitas outras questões.

Como se observa, são muitos os aspectos pelos quais as diferenças podem se manifestar na família. Dentre os vários exemplos de diferenças entre membros de famílias mencionados na Bíblia, podemos citar os irmãos Caim e Abel, os irmãos Jacó e Esaú, os irmãos Moisés e Arão, o casal Nabal e Abigail, Saul e seu filho Jônatas, Sansão e seus pais, as irmãs Marta e Maria e o casal Ana e Elcana. Em muitas dessas situações, não saber lidar com as diferenças resultou em conflitos na família. Mas não precisa ser necessariamente assim. É possível aprender a lidar com as diferenças de maneira que se tire proveito delas, ao invés de serem causa de problemas.

Em primeiro lugar, devemos aprender que **as diferenças podem ser positivas**. Isso porque nossas diferenças nos complementam. Se todos fossem iguais, teriam os mesmos defeitos e a falta de algumas habilidades. Mas, porque somos diferentes, aquele que é mais forte ou habilidoso em uma área pode ajudar o outro que é mais fraco. Nessa questão, vale muito bem o ensino bíblico sobre o corpo. O olho não pode dizer à mão e a cabeça não pode dizer isso aos pés “não tenho necessidade de ti” (**1Co 12.20-25**). A Bíblia ensina aqui a dependência interpessoal que temos, justamente porque não possuímos todas as habilidades necessárias para a complexidade da vida.

Por exemplo, se uma pessoa não tem habilidade com finanças se casa com alguém que domina bem a matemática e a organização financeira, isso poderá compensar sua limitação e promover o equilíbrio. Se os pais não dominam bem a tecnologia, podem ser auxiliados pelos filhos, que normalmente estão mais habituados com essas habilidades. Os filhos jovens, por outro lado, normalmente possuem uma visão mais

idealista sobre a vida e podem ser ajudados pelos pais, que, pela experiência, conseguem enxergar as coisas por uma lente mais pragmática, gerando equilíbrio.

Na questão das diferenças, cabe muito bem aquele famoso ditado: “juntos somos mais fortes”. Mas, para tirar proveito disso, a família precisa fazer uma avaliação honesta das forças, fraquezas, habilidades e limitações de cada um, de maneira que possam, com humildade, se unir naquilo que cada um tem de melhor.

Outro aspecto importante sobre a forma de lidar com as diferenças é que, **em muitos casos, elas devem ser simplesmente aceitas**, por respeito e valorização à identidade do outro (Rm 14.1-6; Rm 15.7). Não podemos esperar que as pessoas gostem da mesma comida, tenham a mesma profissão, torçam pelo mesmo time, votem no mesmo candidato, tenham o mesmo gosto pela leitura ou usem o mesmo estilo de roupa que nós. Deus fez as pessoas diferentes e isso não pode provocar ira ou revolta em nós.

Quando a Bíblia diz “não tenham em vista apenas os seus próprios interesses, mas também os dos outros” (Fp 2.4), está indicando que não podemos olhar o mundo somente pela nossa própria ótica, mas devemos tentar nos colocar no lugar dos outros e valorizar seu modo de ser. Um lar composto por pessoas inflexíveis, em questões que não precisam ser tão rígidas, poderá produzir irritação, frustração, hipocrisia e conflitos. É possível que os membros da família passem a usar máscaras, apenas para não serem criticados, mas, por dentro, ou quando estão fora de casa, manifestam aquilo que não podem ser dentro no ambiente doméstico.

No mínimo, devemos respeitar o outro, ainda que tenhamos uma opinião diferente. Isso vale, por exemplo, para a política, um assunto altamente polarizado e sensível atualmente. É ilusão desejar que a família inteira pense da mesma forma sobre todos os aspectos dessa questão tão complexa. Por isso, as conversas sobre política precisam se dar em um ambiente de respeito mútuo. Além disso, é importante também que a família defina alguns momentos em que esse assunto não possa ser debatido, uma espécie de zona desmilitarizada, de forma que outros assuntos possam ganhar espaço.

A aceitação das diferenças passa também pela compreensão das diferentes gerações. Os mais velhos não podem esperar que os aspectos do mundo de hoje sejam como eram na sua época. O mundo mudou, algumas coisas para melhor, outras para pior, e é preciso tentar entender os desafios que os mais jovens precisam enfrentar para conseguir sobreviver na sua realidade. Os mais novos, por outro lado, precisam entender o incômodo que os mais velhos podem sentir ao serem forçados a se adaptar a realidades tão diferentes daquelas que viveram na infância e na juventude.

Por fim, é fato que as diferenças **podem indicar coisas que precisam ser transformadas**. As diferenças permitem identificarmos oportunidades de melhoria em nós mesmos (Pv 27.17). Uma pessoa normalmente desorganizada pode melhorar quando convive com alguém organizado. Uma pessoa normalmente atrasada pode melhorar convivendo com alguém pontual. E isso se aplica a muitas outras questões. Mas essa transformação só vai ocorrer se houver humildade para reconhecer as limitações e falhas.

Mas essa transformação, em alguns casos, é mais do que apenas desejada; é necessária. Embora existam questões em que é difícil dizer o que é certo ou errado, há outras que são muito claras. Diferenças entre a forma como cada pessoa organiza suas gavetas ou pensa sobre cotas para ingresso em universidades são apenas diferenças. Mas atitudes que violam os mandamentos de Deus não são apenas diferenças; são pecados. Na perspectiva do Reino de Deus, um cristão não pode defender sua rebeldia,

carnalidade, frieza, imaturidade ou agressividade, por exemplo, como se fossem simplesmente seu “jeito diferente”.

Como destacamos na segunda lição da revista, um dos propósitos da família é tratar nossas falhas e imperfeições. Por isso, se a forma como você tem pensado ou se comportado tem causado conflitos com os demais familiares, reflita com seriedade e honestidade se, na verdade, essas diferenças não são manifestações do pecado em sua vida que precisam ser tratadas por Deus. As diferenças entre membros da família podem revelar o que, na verdade, são diferenças entre nós e Cristo. A convivência com cristãos maduros pode nos ajudar a acabar com as diferenças prejudiciais, quando nos espelhamos e passamos a imitar alguém que pode ser uma referência espiritual dentro do lar.

A Bíblia faz um contraste entre o crente e o mundo e ordena que sejamos transformados, através de uma renovação da nossa mente (**Rm 12.2**). Mas nós não temos capacidade ou forças para produzir essa transformação por nós mesmos. É o Espírito Santo, com seu poder regenerador, que pode nos transformar (**Tt 3.5**). Por isso, coloque diante de Deus aquilo que precisa ser transformado em você e confie nEle.

Reflita sobre as diferenças que existem entre os membros de sua família e a forma como você e os demais têm lidado com elas. Avalie se estão sendo aplicados os princípios bíblicos de valorização do próximo.

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Quais as principais diferenças entre os membros de sua família e de que forma isso impacta a convivência no seu lar?

Sua família tem facilidade em aceitar as diferenças entre os integrantes? Ou existe uma preocupação de que todos ajam e pensem igual?

O que você pode aprender com as qualidades de outros membros da família e que você não possui?



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: 1 Coríntios 12.20-25

Ter: Romanos 14.1-6

Qua: Efésios 4.2-3

Qui: Filipenses 2.3-4

Sex: Tiago 2.1,9

Sáb: João 4.7-9

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Qual foi o impacto das diferenças nas famílias da Bíblia citadas na lição?
- Cite exemplos de diferenças que precisam ser aceitas, que podem ser motivo de aprendizado e que precisam ser transformadas.
- Como as famílias podem identificar as diferenças que existem entre seus integrantes e trabalhar para prevenir que se tornem motivo de conflito?

1. APRESENTAÇÃO

Lembrando do famoso ditado popular que diz que “é melhor prevenir do que remediar”, vamos refletir hoje sobre aspectos que podem causar conflitos na família e como eles podem ser eliminados, ou pelo menos enfraquecidos, antes de provocarem problemas no lar. Há um texto na Bíblia, pouco conhecido, no livro de Cântico dos Cânticos (Cantares), que é um poema sobre o amor conjugal, no qual se diz: “Peguem as raposas, as raposinhas, que devastam os vinhedos, porque as nossas vinhas estão em flor” (**Ct 2.15**). Esse texto pode ser interpretado no sentido de que as vinhas representariam o relacionamento do casal, enquanto as raposinhas seriam causas de conflitos, que deveriam ser apanhadas (eliminadas) antes de produzirem problemas. Nesta lição, vamos mencionar e aprofundar em algumas outras possíveis causas de conflitos na família.

Vícios e compulsões. Essas são causas de muito conflitos e têm efeitos destruidores em milhares de famílias. O consumo de álcool de maneira descontrolada, por exemplo, leva a violência, desemprego, divórcio, abandono e morte. Na própria Bíblia, podemos identificar personagens que, por causa da embriaguez, causaram problemas em suas famílias. Noé, ao se embriagar, deu motivos para um mau comportamento de seu próprio filho (**Gn 9.20-23**). Ló, fora de si por causa da bebida, cometeu incesto (**Gn 19.3-36**). O rei Assuero, tomado pelo álcool, coloca sua esposa, a rainha Vasti, em uma situação vexaminosa, o que causou um conflito entre eles (**Et 1.10-12**).

Infelizmente, muitas pessoas começam sua trajetória no consumo do álcool acreditando que terão controle sobre seus impulsos, mas acabam dependentes, pois desconhecem o poder viciante do álcool no sistema nervoso central. A bebida alcoólica prejudica a consciência e o juízo moral das pessoas, e possui potente efeito no sistema de recompensas do cérebro, o que nem sempre é conhecido pelos que, de forma até inocente, se enveredam por esse caminho. Além disso, alguns pais não atentam para o fato de que, embora eles consigam ter controle sobre a bebida, seus filhos, que os veem consumindo bebidas alcoólicas, podem ter tendências para o alcoolismo.

Mas não é apenas a bebida alcoólica ou outras drogas, lícitas ou ilícitas, que podem ser um vício destrutivo. As pessoas podem desenvolver vícios e compulsões por outras coisas, tais como a comida, o sexo, as compras e os jogos (eletrônico ou não). Na maioria dos casos, tais coisas em si não são pecados, mas, passam a dominar a atenção e a energia das pessoas a ponto de produzirem danos à saúde física e psicológica, isolamento, irritabilidade e frieza espiritual, além de se tornarem um ídolo. Em outros casos, existem práticas potencialmente viciantes que são pecado mesmo em pequena escala, como é o caso das apostas *online*. A Bíblia faz muitos alertas sobre a importância do domínio próprio (**Gl 5.22-23; Pv 25.28; 2Pe 1.5-7**).

Influências negativas. Todas as pessoas estão sujeitas a influências. Somente alguém muito ingênuo diz que é imune à influência de quem quer que seja. Tudo que vemos e ouvimos em nosso cotidiano afeta, ainda que de forma pequena, a maneira como pensamos e nos comportamos. A Bíblia diz que quem anda com o sábio será sábio, mas o companheiro dos tolos acabará mal (**Pv 13.20**). E tudo isso afeta nossas relações familiares.

A primeira fonte de más influências com as quais devemos tomar cuidados são os colegas, sejam eles do trabalho, da escola, da vizinhança (condomínio), da academia/esporte etc. Veja que o rei Roboão, influenciado pelos jovens que cresceram com ele, adotou políticas injustas e que produziram uma divisão no seu reinado (**1Rs 12.6-15**). É preciso tomar muito cuidado com os conselhos, os exemplos, as filosofias e as visões de mundo que são trazidas a nós por pessoas que não necessariamente tem compromisso com Deus ou com nossa família. Por causa de más companhias, filhos podem ser levados a enganarem seus pais, cônjuges podem ser induzidos ao adultério e pais podem ser levados a colocar carreira ou dinheiro acima do testemunho de vida cristã para seus filhos. A Bíblia diz que o homem violento alicia o seu companheiro e guia-o por um caminho que não é bom (**Pv 16.29**).

Isso não significa, necessariamente, que você não possa conviver com ninguém que não seja um cristão. Até porque, infelizmente, existem pessoas que se dizem cristãs, e até frequentam a igreja, mas são más influências. Em alguns casos extremos, quando a influência está se tornando muito forte, será necessário se afastar. Mas, em outros, isso não é possível. Além disso, o cristão precisa ter contato com os incrédulos para ser boa influência. O mais importante é ter um estado de constante alerta e vigilância sobre a forma como as influências externas têm afetado sua caminhada cristã e sua família. Além disso, até para equilibrar um pouco essa influência tão forte que vem do mundo, procure se aproximar de boas influências, isto é, de pessoa que sejam exemplo de piedade e vida cristã e de pessoas que conseguiram construir uma família saudável e temente a Deus.

E tome cuidado também com as influências da cultura, que chegam através das séries, filmes, programas de TV, influenciadores nas redes sociais, livros, jogos e todo tipo de produto da indústria do entretenimento. Tudo isso vem carregado de valores, ideias, filosofias, visões de mundo e propostas que, na maioria das vezes, não tem qualquer compromisso com Deus e com a Bíblia, e muito menos com sua família.

Intolerância e radicalização. Como dissemos na lição anterior, a política tem sido uma causa de divisão em muitas famílias. Embora seja um assunto importante de se conversar sobre, já que afeta a vida de todos, e o cristão consciente deve votar de forma responsável, o ambiente tóxico de polarização e intolerância tem separado cônjuges, pais, filhos e irmãos. Muito disso se atribui ao fenômeno das redes sociais, cujos algoritmos entregam para cada usuário o conteúdo que mais se adequa às preferências que ele já tem, reforçando sempre as mesmas opiniões. Isso faz com que as pessoas passem a viver em uma bolha de informação, sem terem contato com outras ideias, e sendo empurradas cada vez mais para o radicalismo.

A Bíblia fala do problema de tentar impor sua visão sobre tudo em um versículo pouco conhecido: “Não seja demasiadamente justo, nem exageradamente sábio; por que você destruiria a si mesmo?” (**Ec 7.16**). Quando diz para não ser demasiadamente justo, o sentido não é da frouxidão moral (pois a Bíblia é radical quando se trata de santificação), mas da tentação de querer ter sempre razão e de ser inflexível sobre tudo, mesmo naquilo em que é preciso respeitar as opiniões contrárias. Bíblia diz que, em alguns casos, para evitar conflitos, não precisamos levar nossas diferenças até as últimas consequências (**1Co 6.7**).

Estresse e pressão. Esses são males que também afetam muitas famílias. Vivemos em um mundo no qual, para viabilizar a existência de comodidades inexistentes no passado, tais como as tecnologias modernas, a maior diversidade de experiências gastronômicas e uma gama muito mais ampla

de opções de entretenimento, há um preço a pagar. Esse preço é um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e uma exigência cada vez maior por tempo de dedicação no emprego, uma melhor formação acadêmica e uma concorrência mais acirrada entre as empresas. Tudo isso, somado a períodos de recessão econômica, mercados globalizados e instabilidade política, que eventualmente impactam o país, produz estresse e ansiedade tanto nos adultos quanto nos jovens.

Quando essas pressões são levadas para dentro de casa, os conflitos na família podem ocorrer. Os membros da família podem manifestar irritabilidade e esgotamento (físico ou emocional), prejudicando o diálogo, o afeto, o respeito, os compromissos, a organização e a vida espiritual no lar. Jesus alertou contra a ansiedade e o estresse causados por preocupações com o sustento (**Mt 6.25-34**).

É preciso tentar blindar o lar dos efeitos do estresse. Não significa que os membros não possam compartilhar uns com os outros as suas lutas e assim prestar um auxílio mútuo. Mas é preciso evitar que o estresse afete o amor, o diálogo e o respeito mútuo entre os familiares. Uma forma de fazer isso pode ser mudar a rotina. Isto é, sendo possível, sair da situação ou do ambiente que tem causado o estresse. Entretanto, isso nem sempre é possível. Por isso, é preciso aprender a lidar com as pressões. Por exemplo, pode-se buscar um ambiente fora do lar para distensionar, tal como a prática de um esporte ou as conversas com um conselheiro ou terapeuta. Mas, acima de tudo, é fundamental trabalhar o fortalecimento espiritual, por meio da fé e da confiança em Deus (**Mt 11.28-30; Fp 4.6-7**). Desta maneira, os efeitos do estresse e da ansiedade podem ser reduzidos e, assim, proteger a família.

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Converse com seus familiares para tentar identificar as principais causas de conflitos em sua família. Liste-as abaixo.

Refleta sobre quais poderiam ser as atitudes para eliminar essas causas de conflitos.

Ore com seus familiares sobre tais causas de conflitos e relate aqui como foi sua experiência.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: 2 Pedro 1.5-7

Ter: Mateus 5.23-24

Qua: Tiago 1.19-20

Qui: Efésios 4.31-32

Sex: Cantares 2.15

Sáb: Tiago 4.1-2

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Cite outras causas de conflitos, além das mencionadas na lição, que podem produzir conflitos nas famílias.
- Como evitar que as influências negativas do mundo produzam conflitos entre o casal ou entre pais e filhos?
- Por que é melhor tentar identificar as causas de conflitos do que ficar remediando as crises?
- De que maneira a família poderia conversar de maneira honesta sobre as causas de conflitos e tentar eliminá-las?

1. APRESENTAÇÃO

Embora tenhamos estudado na lição anterior sobre algumas causas de conflitos que precisam ser eliminadas, é fato que conflitos na família vão ocorrer. E o motivo é simples: os seres humanos são imperfeitos e eventualmente seus comportamentos e pensamentos não correspondem às expectativas uns dos outros. Por isso, não é tanto com os conflitos que temos que nos preocupar, mas com o modo como lidamos com eles.

Um conflito, que nada mais é do que uma divergência entre os comportamentos e pensamentos de duas ou mais pessoas, não necessariamente precisa se tornar uma briga. Infelizmente, o Brasil é um dos países mais violentos do mundo. Enquanto a taxa de homicídios global é de 5,8 mortes anuais por 100 mil habitantes, no Brasil essa taxa é de 24 mortes anuais por 100 mil (quatro vezes mais). Isso ocorre, entre outros fatores, porque nossa sociedade se acostumou a resolver os conflitos com o uso da força ao invés do diálogo. Portanto, trata-se também de um problema cultural, reflexo de uma sociedade adoecida, onde impera a lei do mais forte.

Mas as famílias cristãs não podem seguir esse padrão mundano e pecaminoso. As divergências existentes em nossas famílias devem ser resolvidas com diálogo, amor, respeito, quebrantamento e mudança de comportamento. Cada um deve, acima de tudo, se submeter ao senhorio de Cristo.

Em uma família onde os cristãos estão presentes, a primeira atitude para resolver os conflitos é **orar e amar**. Todos os conflitos envolvem uma questão espiritual. Não há dúvidas de que Satanás deseja destruir relacionamentos e famílias. Por isso, é preciso ter uma visão espiritual dos conflitos e usar as armas espirituais que temos. As duas armas espirituais principais que temos para resolver os conflitos são a oração e o amor. O Senhor Jesus não deixa margem de dúvida quanto a isso quando diz que devemos amar os nossos inimigos e orar pelas pessoas que nos maltratam e nos perseguem (**Mt 5.44**). Lembremos sempre que nossa luta não é contra as pessoas (**Ef 6.12**). Isto é, não podemos ver nossos familiares como oponentes. Eles também estão sofrendo, quando os conflitos ocorrem. Por isso, precisamos ter um olhar de graça e de misericórdia. O conflito na família não é uma batalha de todos contra todos, mas um ataque espiritual no qual todos estão sofrendo. Quando os conflitos na família ocorrem, mais do que nunca, cônjuges, pais, filhos e irmãos devem intensificar as orações uns pelos outros e fazer o bem, de forma que o amor imerecido constranja e produza um incômodo santo que pode transformar o coração (**Rm 12.20-21**). Antes de falar com as pessoas, fale com Deus e ore pelos seus familiares. A solução será mais viável se os membros da família entregarem graça uns aos outros, ao invés de buscarem culpa e punição.

E já que os conflitos possuem um aspecto espiritual, a segunda atitude para resolvê-los é **buscar orientação na Palavra de Deus e na igreja**. A Palavra de Deus é uma espada poderosa, que toca e transforma mentes e corações (**Hb 4.12**). A Palavra de Deus é lâmpada para nossos pés e luz para nosso caminho (**Sl 119.105**). Isto é, a Palavra de Deus é que pode nos dar a direção correta e orientar sobre as decisões certas a tomar. Quando os conflitos familiares ocorrerem, busque na Palavra de Deus orientação, pois ela não vai falhar. Além disso, busque orientação espiritual de seus pastores e de pessoas piedosas que possam ser bons conselheiros espirituais.

O próximo passo na resolução de conflitos na família é **identificar bem o problema e suas causas**. Muitas vezes, os membros da família entram em conflito, mas não conseguem enxergar todos os fatores que estão dando causa a isso. É comum as pessoas buscarem explicações simples para problemas complexos ou apontar apenas um culpado quando, na verdade, mais de uma pessoa pode estar contribuindo para o conflito. Observe como, no conflito entre os irmãos Jacó e Esaú, ambos tiveram sua parcela de culpa. Esaú não cumpriu o combinado de entregar a Jacó a primogenitura que havia vendido a ele (**Gn 25.32,33**) e Jacó enganou o pai para fazer valer o combinado (**Gn 27.18-19**). Além disso, os próprios pais tiveram sua parcela de culpa. Em primeiro lugar, cada um tinha preferência por um filho. Isaque amava Esaú, enquanto Rebeca amava Jacó (**Gn 25.28**). Além disso, Rebeca foi quem arquitetou o plano para enganar o marido (**Gn 27.5-7**).

Se as causas de um conflito não forem corretamente identificadas, será mais difícil resolvê-lo, assim como é difícil tratar uma enfermidade para a qual não há diagnóstico. Para compreender bem os conflitos, é preciso estabelecer um ambiente de boa comunicação, sobre o qual já falamos na lição 05. A família deve promover um diálogo respeitoso, no qual o alvo principal não seja identificar culpados com o objetivo de promover punição, mas identificar as mudanças que são necessárias para que o conflito se resolva. Ou seja, devemos investir contra os problemas em não contra as pessoas. Nesse ambiente, torna-se mais fácil cada um reconhecer sua parcela de culpa.

Muito provavelmente, será necessário confrontar-se com a verdade, mas de maneira amorosa (**Ef 4.15,25**). Os envolvidos precisam ser transparentes sobre como tem sofrido por causa do conflito e como podem estar contribuindo para o sofrimento do outro. O Senhor Jesus foi muito claro sobre nossa tendência de sempre enxergar os erros dos outros, quando disse que devemos tirar primeiro a trave que está no nosso olho para, então, ver claramente o cisco que está no olho dos outros (**Mt 7.3-5**). E a Bíblia dá algumas dicas sobre as maiores causas de conflitos: busca egoísta pela satisfação pessoal e agressividade (**Tiago 4.1-3**). Enfim, a falta de amor ao próximo.

Algumas perguntas úteis para identificar as causas de um conflito são: “*o que provocou a crise?*”, “*quem estava envolvido?*”, “*por que aconteceu só agora?*”, “*qual foi a última vez em que a família esteve em paz?*”, “*já aconteceu alguma situação semelhante anteriormente?*” e “*como os conflitos anteriores foram resolvidos?*”.

Um outro passo importante no processo de resolução de conflitos é **pensar em soluções e testar mudanças**. Identificadas as causas do conflito, os envolvidos precisam refletir sobre quais transformações poderiam ser implementadas para resolvê-lo. A primeira fonte, certamente, para as mudanças que podem ser feitas é a Palavra de Deus. “Soluções” carnis e mundanas podem, na verdade, piorar os conflitos. Nesse processo, algumas ideias podem ser lançadas e discutidas. É importante que se pense, para cada uma delas, quais seriam as possíveis consequências, positivas e negativas. Além disso, se a família conseguir identificar os objetivos comuns nos quais desejam chegar e definir metas a serem alcançadas, a avaliação do seu progresso e sucesso se torna mais fácil.

Evidentemente, durante a busca por soluções, pode-se concluir que alguns dos envolvidos precisarão fazer renúncias e promover compensações para pessoas que foram prejudicadas. Por exemplo, um marido ou esposa que ficam fora de casa com muita frequência para estar com os amigos talvez precisarão reduzir outros compromissos sociais para dar mais atenção à família. Mas isso não deve ser visto como castigo, e sim como uma mudança de hábitos para colocar as prioridades em seu devido lugar.

Por outro lado, se as pessoas sempre tiverem posições irreduzíveis ou mesmo tentarem forçar ou chantagear os outros a fazerem sua vontade, dificilmente se chegará a alguma solução pacífica.

É interessante notar que, na igreja de Filipos, havia duas mulheres que estavam, provavelmente, em conflito: Evódia e Síntique. A elas é apelado que “no Senhor, tenham o mesmo modo de pensar” (**Fp 4.2-3**). Certamente, a referência aqui é ao “mesmo modo de pensar de Cristo Jesus”, citado um pouco antes, que, mesmo sendo Deus, não considerou isso algo ao qual deveria se apegar, mas se esvaziou (**Fp 2.5-7**). Ou seja, o caminho para a resolução de conflitos certamente é o exemplo de Cristo em sua humildade.

Por fim, cabe destacar que, em algumas situações, possivelmente será necessária a atuação de agentes externos à família. Isso ocorrerá, por exemplo, diante de casos mais graves, como vícios, transtornos ou violência doméstica. Nesse sentido, também não podemos esquecer do papel importante dos psicólogos e de outros tipos de terapeutas devidamente qualificados para promoverem intervenções necessárias.

Mas, acima de tudo, os conflitos devem ser vistos com uma perspectiva do alto, lembrando que Deus está no controle de todas as coisas e que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus (**Rm 8.28**). Lembremos que, foi por meio de um conflito familiar, entre José e seus irmãos, que Deus preservou a família de Jacó. Ver as coisas pela ótica eterna nos permite não entrar em desespero, mas manter a esperança.

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Seu lar está passando (ou já passou) por conflitos? Como vocês tem lidado (ou lidaram) com essa realidade?

Quais alternativas você consegue pensar, com a direção de Deus, para promover mudanças que poderiam resolver (ou minimizar) os conflitos em sua família?

Experimente orar com seus familiares e demonstrar amor mesmo diante dos conflitos e relate como foi sua experiência.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mateus 18.15

Ter: Provérbios 15.1

Qua: Efésios 4.26-27

Qui: Mateus 5.41

Sex: Romanos 12.17-21

Sáb: Gálatas 6.1

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Qual é o risco de tentar resolver os conflitos sem amor e oração e sem busca pela orientação da Palavra de Deus?
- Que tipos de soluções, na verdade, podem apenas mascarar ou até mesmo piorar os conflitos na família?
- Por que a busca por culpados, ao invés de refletir sobre mudanças necessárias, prejudica a resolução de conflitos na família?
- De que maneira os conflitos podem ser até mesmo usados por Deus para o bem da família que serve ao Senhor?

1. APRESENTAÇÃO

Meu saudoso irmão em Cristo e professor Almir Simões dizia uma frase da qual nunca me esqueci: “quando você mata uma pessoa no coração, com o tempo, o defunto começa a feder”. Ele queria dizer que guardar rancor deteriora nossa vida emocional e espiritual e faz mal, primeiramente, a nós mesmos. Por isso, o perdão seria uma necessidade nas relações humanas.

De fato, o perdão é uma necessidade. Primeiro, porque sem perdoar o próximo, não podemos ser perdoados por Deus (**Mt 6.14-15**). Se você guarda mágoa em seu coração contra pessoas, possivelmente terá prejuízos no seu próprio relacionamento com o Senhor, resultando em uma vida espiritual fria e, talvez, até carnal. Em segundo lugar, o perdão é uma necessidade porque o ser humano é falho, é imperfeito, e, nas relações humanas, eventualmente, serão produzidas feridas. A única maneira de reconstruir vínculos saudáveis, nessas situações, é por meio do perdão.

Evidentemente, isso também é um fato na família. Não são incomuns os desentendimentos, as decepções e até as violências e os abusos (físicos, verbais, materiais e psicológicos) envolvendo pais, filhos, cônjuges e irmãos. Por isso, sem a prática do perdão, torna-se impossível manter os vínculos familiares de forma saudável e funcional, manifestando os valores e propósitos que Deus planejou para a família.

Na Bíblia, vemos alguns exemplos de feridas produzidas nas relações familiares que só puderam ser superadas pela atitude do perdão. É muito interessante que os três exemplos a seguir, tão marcantes na Bíblia, são de desentendimentos que ocorreram entre irmãos.

José foi vendido por seus irmãos como escravo e foi parar na prisão no Egito. Quando teve a oportunidade de se reencontrar com eles, já ocupando uma posição de autoridade, não os desprezou, nem retribuiu na mesma moeda, mas cuidou deles e reconstruiu o vínculo familiar que havia sido quebrado (**Gn 45.1-15**).

Esaú e Jacó tiveram um grande desentendimento no episódio da primogenitura, de forma que Esaú ameaçou o irmão de morte e Jacó teve que fugir de casa. Quando se reencontraram, muitos anos depois, ambos se abraçaram e choraram, como se lamentassem pelo mal que causaram um ao outro (**Gn 33.1-11**). Jacó, inclusive, fez questão de dividir com Esaú parte dos frutos da bênção que havia comprado do irmão por um ensopado de lentilhas.

Miriã e Arão atacaram a honra do irmão Moisés por causa da sua esposa. Como consequência da acusação leviana que fizeram, um pretexto para questionar a liderança do irmão, Miriã foi castigada por Deus com a lepra. Moisés, ao invés de se sentir satisfeito pela justiça de Deus, pede ao Senhor que cure sua irmã (**Nm 12.1-16**). Depois disso, Moisés continua seu ministério em conjunto com o irmão Arão normalmente, mostrando que não havia guardado mágoa por conta do ocorrido.

A seguir, vamos refletir sobre a natureza do perdão e algumas orientações sobre como pode se dar esse processo.

O perdão não é um sentimento; é uma atitude. Assim como ocorre com o amor, não devemos esperar sentir o desejo de perdoar. O perdão é um mandamento de Cristo e deve ser uma decisão espiritual.

Mandamento não depende de sentimento, mas de obediência. O Senhor Jesus não estabeleceu um limite para o perdão. Ao ensinar que devemos perdoar 70x7 vezes, estava querendo dizer que devemos perdoar sempre (**Mt 18.21-22**)!

O perdão é necessário. A falta de perdão na família pode ser uma fonte da qual podem se originar inúmeros outros males. Por isso, a Bíblia diz que, quando não perdoamos, Satanás pode tirar vantagem disso e realizar suas intenções em nossa vida (**2Co 2.10-11**). A amargura pode perturbar e contaminar as relações interpessoais (**Hb 12.14-15**). Portanto, perdoar é uma forma de blindar a família de problemas ainda maiores que podem surgir em decorrência da mágoa.

Fale com Deus no processo do perdão. O perdão, embora seja uma decisão pela obediência, é uma atitude espiritual. Muitas vezes, nos sentiremos incapazes de perdoar. Isso ocorre porque nosso coração é falho e dependemos do agir de Deus em nossa vida para conseguir produzir o fruto do Espírito da paciência, da bondade, da mansidão e do domínio próprio (**Gl 5.22**). Pro isso, a oração e a dependência de Deus são fundamentais nesse processo. Deus pode mudar tanto seu coração quanto o coração da outra pessoa. Compartilhe com Deus suas frustrações e você sentirá menos necessidade de manifestar suas insatisfações nas relações interpessoais.

Tome a iniciativa de perdoar, mesmo que o outro ainda não tenha se arrependido. Independente se você ofendeu ou foi ofendido, Deus espera que você dê o primeiro passo (**Mt 5.23-24**). Demoras podem aprofundar ressentimentos, abrir brechas para outros desentendimentos e piorar a situação. Sua atitude de perdoar pode, em alguns casos, facilitar o processo de arrependimento da outra parte. Observe que, antes de nós nos arrependemos, Deus enviou Seu Filho para morrer em nosso lugar. Deus nos amou primeiro (**1Jo 4.19**). Quem ama primeiro não é inferior, pelo contrário. Perdoar é para os fortes.

Para perdoar, devemos pensar menos no passado e mais no futuro. Não há como mudar o passado. É inútil remoer o que ocorreu, o quanto você sofreu e como as coisas teriam sido se o passado fosse diferente. Pensar no passado só é importante para compreender o presente e aprender lições para o futuro. Perdoar é pensar não no passado, mas no futuro. É desejar algo diferente, uma nova história. Você não pode mudar o que passou, mas com o perdão ainda tem possibilidade de mudar o que está por vir.

Perdoar não necessariamente significa esquecer. O perdão perfeito nem se lembra mais do que ocorreu. É assim que ocorre com o perdão que Deus nos concede (**Is 43.25; Mq 7.18**). Infelizmente, nós não temos capacidade de oferecer um perdão tão perfeito assim. Por isso, em muitos casos, vamos continuar lembrando das feridas provocadas, mesmo depois de ter perdoado. É como a cicatriz de um corte: você vê e lembra do que ocorreu, mas não sente mais a dor. Nem sempre será possível que a relação volte a ser o que era antes, mesmo com o perdão. Às vezes, uma nova dinâmica no relacionamento precisará ser desenvolvida para evitar que novas feridas sejam abertas. Mas isso não significa o perdão não foi real. O mais importante é o fim da mágoa e a disposição para amar novamente o próximo.

Reconheça seus erros e se arrependa. Se você causou feridas ou magoou algum familiar, reconheça isso diante de Deus e diante da pessoa. O arrependimento é condição necessária tanto para receber o perdão de Deus quanto para se libertar da culpa e reestabelecer o relacionamento com o próximo. O salmista só recebeu alívio na alma após confessar seus pecados (**Sl 32.5**). Foi apenas quando se arrependeu que o filho da parábola caiu em si de que deveria voltar para o convívio com o pai, que havia abandonado (**Lc 15.17-20**).

Refleta sobre as mágoas e feridas que existem no seu coração e que podem existir no coração dos outros. Avalie as decisões que precisam ser tomadas, no sentido de arrepender-se e de perdoar, e avalie se os membros da família têm agido de acordo com o que foi ensinado pelo Senhor Jesus em Sua Palavra.

Deus pode restaurar qualquer situação. Por isso, não desista de sua família. Lute por ela. Nada vale a pena se custar a ruína da família. Um dos maiores fracassos na vida é você se iludir com o sucesso nas coisas que não são importantes. O sucesso no esporte, no trabalho ou na vida acadêmica não compensam o fracasso na família.

Valorize sua família. Muitas vezes, não valorizamos o suficiente nossa família. Podemos estar perdendo tempo com tantas coisas, quando poderíamos estar investindo nossa vida nos relacionamentos familiares. O tempo não pode ser comprado ou recuperado. Por isso, o tempo que você ganha ou perde com sua família fazem muita diferença e mostram o quando você já entendeu a riqueza que possui dentro da sua própria casa. Não precisa procurar lá fora!

APLICAÇÃO PESSOAL (NÃO É NECESSÁRIO COMPARTILHAR NA CLASSE)

Você sente alguma mágoa por algum familiar? Se sim, ore por isso agora e peça ao Senhor para lhe ajudar na decisão de perdoar. Tome a iniciativa. Relate como foi essa experiência.

Você causou alguma ferida em alguém da sua família. Se sim, ore por isso agora e peça ao Senhor para lhe ajudar na decisão de pedir perdão. Tome a iniciativa. Relate como foi essa experiência.



Textos relacionados para leitura semanal

Seg: Mateus 18.21-27

Ter: Marcos 11.25-26

Qua: Lucas 17.3-4

Qui: 2 Coríntios 2.5-8

Sex: 2 Coríntios 5.18-19

Sáb: Colossenses 1.20-22

PARA COMPARTILHAR NA CLASSE

- Quais são os efeitos da falta de perdão na família e na vida espiritual do crente?
- Que diferença faz a consciência de que o perdão não é um sentimento, mas uma atitude de obediência?
- É possível que, mesmo com o perdão, os relacionamentos não sejam mais os mesmos? Como lidar com essa realidade?
- O que o exemplo de perdão do Senhor por nós nos ensina sobre o perdão para o membro de nossa família?



IGREJA BATISTA
DA GLÓRIA

RUA SANTA CRUZ, 61
GLÓRIA, VILA VELHA-ES

WWW.IBGLORIA.COM

Acompanhe nossas redes sociais:

 @IBGLORIA  IBGLORIA